

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

ARMANDO MATHEUS DUARTE DA SILVA

**UM CÍRCULO DE LEITURA SOBRE A PERSONAGEM
BRUXA DO MAR, DO CONTO “A PEQUENA SEREIA”**

**MAMANGUAPE
2024**

ARMANDO MATHEUS DUARTE DA SILVA

UM CÍRCULO DE LEITURA SOBRE A PERSONAGEM BRUXA DO MAR, DO CONTO “A PEQUENA SEREIA”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba como requisito complementar para obtenção do título de Licenciado em Letras/ Língua Portuguesa. sob orientação da professora Dra. Luciane Alves Santos.

Mamanguape
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586c Silva, Armando Matheus Duarte da.

Um círculo de leitura sobre a personagem Bruxa do Mar, do conto "A Pequena Sereia" / Armando Matheus Duarte da Silva. - Mamanguape, 2024.

71 f. : il.

Orientação: Luciane Alves Santos.

TCC (Graduação) - UFPB/CCAIE.

1. Letramento Literário. 2. Bruxa do Mar. 3. Andersen. 4. A Pequena Sereia. I. Santos, Luciane Alves. II. Título.

UFPB/CCAIE

CDU 37.012:82-93

Elaborado por JONISMAR KENDYS DA SILVA LEO - CRB-4/2332

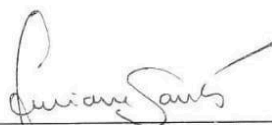
ARMANDO MATHEUS DUARTE DA SILVA

UM CÍRCULO DE LEITURA SOBRE A PERSONAGEM BRUXA DO MAR, DO
CONTO "A PEQUENA SEREIA"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da
Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para a conclusão do Curso
de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Alves Santos

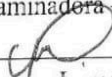
Aprovado em: 15 / 10 / 24



Profa. Dra. Luciane Alves Santos
(Orientador – DL/UFPB)



Profa. Dra. Michelle Bianca Santos Dantas
(Examinadora – DL/UFPB)



Profa. Dra. Moana Lorena de Lacerda Marques
(Examinadora – DL//UFPB)

Dedico àqueles que têm me apoiado na minha trajetória enquanto acadêmico e ser humano.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente eu agradeço a Deus, por ter me sustentado e abençoado até aqui, mesmo eu sendo falho. Depois, agradeço a minha família por todo o apoio que tem me dado durante minha caminhada acadêmica, em especial minha mãe, Maria José, que sempre me incentivou a investir nos estudos. Também quero agradecer a todos os meus amigos (amizades feitas na universidade e fora dela), que muitas vezes me ouviram desabafar, estivesse eu falando de algum momento engraçado ou de como eu estava cansado, triste e estressado com a rotina/problemas vindos da Universidade. Dentre esses, agradeço em especial meu amigo Alex Santos, o qual desde o início me incentivou a entrar no curso, assim como Allana e Lívia, que acompanharam de perto meus “surto” e até hoje fazem parte das memórias boas desse momento da minha vida. Também sou muito grato à minha orientadora Luciane Santos, por toda a paciência, atenção e conhecimento compartilhado comigo em todas as fases desse trabalho e de outros, sendo também uma das minhas professoras favoritas no decorrer dessa graduação, me cativando com sua leveza em dar aulas. Também agradeço às professoras que aceitaram avaliar meu trabalho, visto que tive ótimas experiências acadêmicas com as duas, seja por meio de aulas ou orientação em projeto. Por fim, demonstro meu obrigado à Escola Municipal do Ensino Fundamental Deputado João Fernandes de Lima, escola em que estudei meu ensino fundamental 2 e acolheu meu projeto, me dando a oportunidade de contribuir para o ensino dos alunos da minha cidade. No mais, agradeço ao professor Silvano Carvalho por também acolher meu projeto e me dar liberdade para conduzir ele como eu preferia e a sua turma, o 7º ano C, que foram essenciais para a produção desse trabalho e que agora fazem parte da minha história.

“A vida de cada pessoa é um conto de fadas
escrito pelos dedos de Deus”

Hans Christian Andersen

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, intitulado *Um círculo de leitura sobre a personagem Bruxa do Mar, do conto “A Pequena Sereia”*, tem como objetivos apresentar um projeto de leitura literária nas aulas de Língua Portuguesa, estimular a leitura e o senso crítico dos estudantes por meio de reflexões sobre a antagonista do conto. Compreendemos que os resultados são ainda pequenos passos em direção a um trabalho de letramento mais eficaz, pois somente com um projeto estruturado e inserido no cotidiano dos alunos é que os docentes e discentes poderão realmente alcançar maiores benefícios. Por fim, é importante dizer que esta é uma pesquisa bibliográfica e aplicada e está embasada nas ideias de Cosson (2021), Paulino (2004), Marques (2021), Mendes (2000) e outros pesquisadores.

Palavras-chave: Letramento Literário, Andersen, “A Pequena Sereia”, Bruxa do Mar.

Abstract

This final course work, entitled Um círculo de leitura sobre a personagem Bruxa do Mar, do conto “A Pequena Sereia”, aims to present a literary reading project in Portuguese language classes, stimulating reading and critical thinking among students through reflections on the antagonist of the story. We understand that the results are still small steps towards more effective literacy work, because only with a structured project that is inserted into the students' daily lives will teachers and students be able to truly achieve greater benefits. Finally, it is important to say that this is bibliographic and applied research and is based on the ideas of Cosson (2021), Paulino (2004), Marques (2021), Mendes (2000) and other researchers.

Keywords: Literary Literacy, Andersen, “The Little Mermaid”, Sea Witch.

LISTA DE FOTOGRAFIAS/ IMAGENS

Foto 1: Imagem 1.....	49
Foto 2: Imagem 2.....	49
Foto 3: Imagem 3.....	49
Foto 4: Imagem 4.....	50
Foto 5: Martins Fontes.....	50
Foto 6: Opinião do aluno A sobre a bruxa do mar.....	59
Foto 7: Opinião do aluno B sobre a bruxa do mar.....	59
Foto 8: Opinião do aluno C sobre a bruxa do mar.....	59
Foto 9: Opinião do aluno D sobre a bruxa do mar.....	60

GRÁFICOS

Gráfico 1:	57
Gráfico 2:	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: Literatura e Letramento Literário: a relação entre literatura e sociedade	13
1.1 Letramento literário: definições e contribuições	13
1.2 O Letramento e as competências para a vida	16
1.3 O círculo de leitura: uma estratégia para ler na escola	23
CAPÍTULO II: Contos de fadas: O que são ? Origens e contribuintes	28
2.1 Origem dos contos de fadas e principais produtores	29
2.2 A construção dos personagens e suas significações	35
2.3 Andersen: de sapateiro a escritor mundial	38
2.4 “A pequena sereia”: um conto profundo	42
CAPÍTULO III: O círculo de leitura na prática	48
3.1 Aplicação do círculo de leitura	48
3.2 Resultados	56
3.3 Reflexões sobre a Bruxa do Mar	59
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	61
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICE	66
ANEXO	68

INTRODUÇÃO

A leitura literária e projetos relacionados a ela são importantes na educação básica, tendo em vista que aproxima os estudantes do hábito de leitura, amplia seu conhecimento/repertório cultural e pode contribuir para que os alunos possam se tornar cidadãos mais reflexivos e empáticos em relação à sociedade e aos problemas nela presentes. Além disso, esse tipo de trabalho pode promover uma democratização de conhecimento literário, uma vez que muitas realidades escolares não têm acesso ou não utilizam a literatura ou se servem desses textos com outras finalidades.

Dessa maneira, a aplicação de um projeto de letramento literário, por meio do estágio supervisionado, é uma oportunidade de oferecer um ensino de literatura diferente para os alunos da educação básica, ainda que em um curto período de tempo, caso o trabalho com a literatura venha ocorrendo de uma maneira diferente e/ou não haja um ensino de literatura. Fora isso, o estágio também proporciona a chance de o graduando experimentar práticas pedagógicas e literárias que podem contribuir para o ensino e para a vida dos estudantes.

Ainda sobre como a literatura é abordada na escola, uma reflexão que deve ser feita é sobre como os professores, ao realizar as leituras e análises literárias com os alunos, tendem a discutir os textos com o olhar voltado para os protagonistas das histórias, visto que este tipo de personagem é o que tem mais aprofundamento dentro da narrativa, ocorrendo de haver pouca ou nenhuma discussão maior sobre o personagem antagonista da narrativa.

Nesse sentido, o presente trabalho apresenta uma proposta de leitura literária na escola, por meio da análise de um conto de fadas. O projeto foi aplicado sob a supervisão da professora de estágio supervisionado IV e, também, da supervisora designada pela escola da Educação Básica. A metodologia selecionada foi o círculo de leitura, desenvolvido em uma turma do 7º ano do ensino fundamental, e possui como obra base o conto “A pequena sereia”, de Hans Christian Andersen, narrativa pouco conhecida por sua versão original, mas sim por outras adaptações feitas para o cinema e outras mídias. Vale salientar que os objetivos propostos nesta obra são dois: apresentação de um projeto de leitura literária na escola e, como consequência, incentivar os estudantes que passaram pelo letramento literário oferecido a ler fora da sala de aula e fazer o exercício do senso crítico dos estudantes referente à figura da bruxa do mar, personagem do conto lido, a fim de expandir a visão/conhecimento dos alunos sobre a antagonista estudada e estimulá-los a opinar sobre a personagem com mais propriedade.

Esta produção acadêmica é dividida em três capítulos: na primeira parte são apresentados alguns conceitos sobre literatura, baseados em diferentes autores. Após isso, mostraremos o conceito de letramento literário e suas contribuições para o ensino, assim como explicamos o que é um círculo de leitura e seus benefícios para o letramento dos estudantes. No segundo capítulo deste trabalho, é dado foco à temática dos contos de fadas, evidenciando desde conceitos que definem o gênero como tal, um breve panorama das possíveis origens dos contos de fadas até os principais contribuintes e produtores, sendo eles Maria de França, os Irmãos Grimm, Charles Perrault, Madame de D'Alnoy e Hans Christian Andersen. No mais, também é tratado do conto base do letramento aplicado, apresentando uma breve análise sobre a narrativa. Por fim, o trabalho no último capítulo deste trabalho relata como ocorreu o círculo de leitura com base na obra de Andersen e os resultados obtidos nele.

No que diz respeito à metodologia utilizada no trabalho, esta trata de uma pesquisa-ação, de natureza quantitativa, uma vez que foi preciso tornar prático o círculo de leitura para poder obter os dados desejados. Cabe dizer também que os pesquisadores que norteiam esse trabalho são Araújo (2015), Cosson (2021), Eagleton (2006), Paulino (2004), Marques (2021), Leão e Souza (2015), Mendes (2000), Barbosa (2011), Brasil (2018), Candido (2011), Coelho (2003), Cosson (2009), Khéde (1986), entre outros.

Esse trabalho se mostra importante pelo fato de colocar em prática uma metodologia de ensino que pode contribuir para uma melhora no ensino de literatura, trabalhar com a leitura no ambiente escolar por meio de uma obra clássica, mas que muitos alunos da educação básica conhecem por meio de adaptações/releituras, assim como amplia os estudos acadêmicos sobre antagonistas, uma vez que leva uma análise de um personagem dessa categoria para a sala de aula, evidenciando como é a recepção desse tipo de temática na escola.

CAPÍTULO I: Literatura e Letramento Literário: a relação entre literatura e sociedade

Inicialmente este trabalho abordará concepções referentes ao letramento literário, ao círculo de leitura e apresenta motivos para que esses tipos de projetos ocorram com mais frequência na escola, durante a educação básica. Essa divisão acontece para uma melhor explanação da parte teórica do letramento, evidenciando de forma mais aprofundada as dimensões educacionais e sociais que ele alcança dentro e fora da sala de aula.

1.1 Letramento literário: definições e contribuições

Antes de adentrar na temática de letramentos, discorreremos, de forma breve, sobre alguns conceitos de literatura, visando uma compreensão do que pode ser considerado “literatura” e assim fique mais claro como ela é uma arte estilística e social. Partindo para o âmbito da Teoria Literária, o conceito de literatura não é algo simples, visto que suas definições estão ligadas a diferentes aspectos, como apresentado por Eagleton em sua obra *Teoria da literatura: uma introdução*.

Muitas têm sido as tentativas de definir literatura. É possível, por exemplo, defini-la como a escrita “imaginativa”, no sentido de ficção - escrita esta que não é literalmente verídica. Mas se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura, veremos que tal definição não procede. (Eagleton, 2006, p.13).

Levando em consideração o comentário do autor, pode-se ver que a literatura vem sendo objeto de tentativas de definição e não diz respeito apenas à questão ficcional das histórias, pois a literatura não se limita apenas a isso. Apesar do autor mencionar essa incerteza na definição, ele também pontua na mesma obra um dos aspectos que contribuem para determinar uma obra como literária. “Talvez a Literatura seja definível [...] porque emprega a linguagem de forma peculiar.” (Eagleton, 2006, p.15). Sendo assim, a literatura pode ser recebida como uma forma de escrita que se afasta da maneira com que usamos ela no dia a dia, acarretando a ideia de que ela está em um patamar diferente, sendo muitas vezes concebida como mais bonita e superior.

Mais autores já escreveram sobre conceitos de literatura semelhantes aos que Eagleton estabelece. René Wellek e Austin Warren no livro *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários* retomam essa discussão: “Outra maneira de definir literatura é limitá-la aos “grandes livros”, livros que, seja qual for o seu tema, são “notáveis pela forma ou expressão

literária”. (Wellek e Warren, 2003, p.12). Posto isso, pode-se ver uma nova perspectiva para definir literatura: concebê-la como o conjunto de obras grandiosas pertencentes ao cânone de um lugar e/ou comunidade, tornando-as obras clássicas. Porém, ao estudar sobre literatura, também não se pode esquecer do seu caráter social, que ultrapassa a sua forma ou movimentos literários, o que faz com que a arte literária também possua conceito relacionado à sociedade.

No livro *A mediação do texto literário na escola*, há um capítulo onde essa questão é tratada: “Literatura é expressão humana que permite revelar identidades e concepções singulares de mundo.” (Marques, 2021, p.91). Dessa forma, é possível ver que a literatura tem a capacidade de fazer o ser humano se reconhecer nas obras literárias, tendo em vista que pode fazer o leitor relacionar as experiências que uma obra literária carrega com a sua vida ou com vivências alheias, levando também o leitor a conhecer os aspectos humanos, criativos e sentimentais através dos livros literários. Tudo isso contribui para o indivíduo ser um cidadão mais solidário e humanizado, como aborda Antonio Candido, no ensaio “Direito à literatura”.

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (Candido, 2011, p.182).

Baseando-se na fala de Candido, é possível afirmar que a literatura desperta no indivíduo capacidades que o tornam mais empáticos e com um olhar mais amplo sobre o outro, além de obter mais conhecimento, ajudar a lidar melhor com suas emoções e ter novas perspectivas sobre o mundo e os que nele vivem. A partir do que foi discutido até aqui, pode-se dizer que a literatura, apesar de possuir diferentes conceitos, diz respeito a obras e/ou textos que podem ser ficcionais ou não, construídos com estilos próprios, além de ser um produto dos ideais e pensamentos de um ou mais sujeitos. No mais, a literatura também tende a fazer o cidadão uma pessoa mais humana, ou seja, empática e com posicionamentos críticos sobre a sociedade e as questões que a rodeiam.

É importante fazer uma ressalva quanto aos papéis/influências que a literatura possui, uma vez que ela não apresenta consequências apenas positivas para a sociedade, ocorrendo de ser um instrumento capaz de trazer malefícios para o meio social, como alerta Resende (1985).

A leitura pode ter duas funções distintas e opostas. A primeira, alienadora, quando fornece ingredientes que alimentam o mundo de aspirações ilusórias, desvinculada de qualquer intenção questionadora. Uma segunda reflexiva que deve despertar no

leitor reações face ao que a obra contém e a tudo que ela revive e evoca fora do sujeito. (Resende, 1985, p.52).

Com base no pensamento de Resende, fica perceptível ainda mais como os efeitos gerados pela literatura podem ser benéficos ou maléficos para as pessoas, uma vez que podem gerar alienação ou questionamentos, a depender dos objetivos utilizados para com ela. Ao ser trabalhada na escola, a literatura abarca tanto pontos da parte estética (referentes a escolas literárias, formas e etc) quanto sociais, contribuindo para o conhecimento literário e cultural dos estudantes, mostrando aos mesmos que diferentes valores e experiências agregadoras estão presentes nas obras literárias. Um ensino de qualidade aplicado na educação básica tende levar os alunos a se interessarem mais pela leitura dentro e fora do ambiente escolar, ao fazer eles perceberem que as narrativas literárias podem também ser um objeto de prazer. Sendo assim, o letramento literário vem como uma forma de levar a literatura de maneira acessível, profunda, reflexiva e feita por deleite.

Dessa maneira, é importante dizer também que o conceito de letramento não possui apenas uma explicação, visto que ele possui concepções e dimensões diferentes. Na obra *Letramento: um tema em três gêneros*, de Magda Soares, é tratado sobre essa questão. Segundo Soares (2009), cada ideia sobre letramento privilegia um tipo de dimensão. Adiante, na obra citada, a autora apresenta essas dimensões, sendo elas os aspectos individuais e sociais que um letramento possui e lhe é atribuído dependendo da sua funcionalidade. Tais aspectos estão bem evidentes quando se trata de um letramento literário, em que muitos conceitos referentes a eles trazem uma forte ligação com seu papel social. Rildo Cosson, referência na área de letramentos, usa essa metodologia de ensino voltado para o âmbito social, como pode ser visto na sua obra intitulada *Letramento literário: teoria e prática*.

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracteriza-la, sem transforma-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (Cosson, 2009, p.23).

Como visto na ideia de Cosson, cabe à escola trazer o letramento literário, devido a sua prática que se estende à esfera social pautada na literatura, podendo fazer com que os alunos tenham novas visões sobre o mundo dentro e fora da sala de aula. Cosson também ressalta em seu pensamento a forma com que a arte literária é trabalhada nas escolas, já que o mais recorrente é que no ensino literário aconteça um trabalho com textos da literatura

visando outros objetivos, deixando de fora os atos de pensar e sentir sobre o ser humano e o texto.

Para Paulino, “O letramento literário, como outros tipos de letramento, continua sendo uma apropriação pessoal de práticas sociais de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela.” (Paulino, 2004, p.59). Como visto no trecho da obra *Formação de leitores: a questão dos cânones literários*, escrito por Graça Paulino, pode-se dizer que ela vê o letramento literário como uma forma dos estudantes trabalharem com práticas sociais partindo das suas formas de entendimentos e expressões, baseando-se na leitura e escrita, dentro e fora da escola. Marques traz um conceito de letramento semelhante ao que foi citado a pouco.

O letramento literário é a concretização dessa relação leitor, texto, mundo. Uma relação importante, que permite unir a leitura do texto literário às práticas sociais. Ao observar a realidade de muitas salas de aula, é possível perceber que o que ocorre, muitas vezes, é que o estudante não percebe a ligação entre esse tipo de leitura e sua realidade, causando uma desmotivação e a perda do prazer pela leitura. (Marques, 2021, p.149).

A concepção de Marques ressalta mais uma vez o que vem sendo discutido, isto é, que o letramento literário que deve ser oferecido pela escola é uma ação que visa mostrar ao aluno como a leitura pode estar conectada com o mundo e sua realidade, tendo o texto como a ponte que liga essas duas áreas, assim como mostra o tratamento da literatura no espaço escolar, que não ocorre de um modo que atraia os estudantes para a literatura. Com base no que os pesquisadores falaram até o momento, compreende-se que o letramento literário é uma prática social e para o social, que aproxima o aluno da escrita e do texto literário, revelando como esse tipo de texto/obra pode ligar-se com sua vivência.

1.2 O Letramento e as competências para a vida

Mencionado brevemente nas seções anteriores, foi evidenciado características do texto literário por meio de alguns conceitos que tentam definir o que é literatura, assim como foi iniciado um tópico sobre o ensino de literatura, que tem ocorrido com outras finalidades, sendo, na maioria das vezes, voltado para o ensino de gramática ou apresentando autores, obras importantes e características de movimentos literários de maneira historicista, além de não ser feita uma leitura aprofundada de alguma produção literária. Essa metodologia vai até mesmo contra as orientações designadas pela versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) mais recente no que se refere à leitura na escola.

Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor. (Brasil, 2018, p.159).

Nos apontamentos presentes na BNCC, uma das habilidades que o estudante do ensino fundamental II deve ter em relação a leitura é o interesse nos livros literários, assim como fazer leituras que expandem suas perspectivas sob sua realidade e aumentem a compreensão dos textos, comparados com os que já leu, tudo isso com base no conteúdo literário adquiridos na escola através do ensino de literatura. Apesar de ser uma habilidade excelente, na maior parte das escolas ela se mostra falha, já que o mais comum são os estudantes não terem um bom ensino literário, o que não favorece uma das principais contribuições do letramento literário: a leitura literária.

Diante desse cenário, a escola precisa repensar o modo de ensino no que se refere ao processo de aquisição e promoção da leitura. As práticas em relação a esta se resumem, muitas vezes, aos textos dos livros didáticos, em que, por um lado, há uma variedade de gêneros, muitos aparecem fragmentados e são explorados de forma superficial, não acostumado atender, minimamente, à expectativa dos (as) alunos (as). (Marques, 2021, p.33).

Como visto acima, a escola precisa mudar a maneira em como apresenta a literatura aos estudantes, uma vez que além das problemáticas citadas anteriormente, os professores utilizam os fragmentos de textos literários dos livros didáticos sem uma contextualização da narrativa ou exploração da mesma, ocorrendo conseqüentemente a falta de estímulo da leitura de tal obra. Nas séries iniciais, a leitura literária deve servir como uma maneira de levar os alunos a gostarem de ler e de literatura, ocorrendo uma busca para a fruição da leitura, ocorrendo a necessidade do professor utilizar uma metodologia de ensino menos “engessada” para que isso venha acontecer.

“Não é possível aceitar que a simples atividade da leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária. Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola.” (Cosson, 2009, p.26). Reafirmando o que foi dito através de Cosson, é da responsabilidade dos professores olharem para a forma com que estão usando os textos literários (isso quando há um ensino de literatura) e se abrirem para o que de fato é uma leitura literária e como ela afeta os alunos, caso contrário, os estudantes vão continuar sendo prejudicados por um mau uso da literatura.

No trabalho *Uma proposta de círculo de leitura no ensino fundamental*, feito por Aline Giseli da Silva Lima, é apresentado um ponto importante referente à leitura literária.

Lima (2016) comenta que a leitura de uma obra literária significa estar aberto para entender mais sobre o próximo, ainda que não queira aceitar esse próximo como ele é. Sendo assim, o texto literário, como vimos anteriormente, é importante porque é uma forma de fazer com que os estudantes exercitem em si a empatia e o auto-conhecimento, ao refletir sobre os sentimentos e situações das histórias, relacionando estas com o mundo em que vivem, tornando-os mais humanos, como disse Candido, mas sem causar a obrigação dele de compadecer-se com as pessoas, já que isso vai ser uma decisão pessoal de cada sujeito.

Fora esses aspectos, a leitura literária se atrela a outra questão social que foi pontuada por Marques anteriormente, que é a de conhecer a expressão humana. Cosson (2009) aborda que na escrita e leitura literárias são encontradas as noções de indivíduo e sociedade, da mesma forma que a literatura nos leva a imaginar e expressar um mundo que desejamos. Portanto, a leitura da literatura tende a mostrar aos estudantes como os sentimentos e realidades estão e podem ser exprimidos na forma de arte, e que essa arte é um direito de todos, assim como não está distante deles.

Levando em consideração o que foi discutido até o momento, pode-se ver que a prática do letramento literário tende a trazer contribuições importantes como o estímulo à leitura literária, ponto que vai impactar de forma positiva a vida do aluno, possibilitando-o ser um cidadão com visão ampla sobre o meio social e artística. Se a falta de um bom ensino literário ou até mesmo a escassez do próprio trabalho com a literatura permanecer acontecendo nas escolas públicas, situações como a descrita no trabalho “Letramento literário em círculo de leitura na escola”, escrito por Leão e Souza, não vão parar de acontecer na educação básica, o que é um sério problema.

Enquanto professoras, podemos dizer que não há literatura no Ensino Fundamental II, ou se há, ela está sendo utilizada para outros fins que não sejam para uma leitura estética, que envolvam construção de sentidos. Essa ausência tem nos inquietado muito, ainda mais que verificamos em nossos alunos a aversão pelo livro literário, já que a maioria não gosta de ler, e quando o fazem sentem que estão sendo castigados. (Leão e Souza, 2015, p.428).

O relato descrito pelas autoras deve servir como alerta para os educadores sobre como estão sendo negativos os impactos para os estudantes que passam por um mau ensino de literatura na escola, chegando a um nível que a leitura, um tranquilo ato de prazer, está sendo considerado uma punição para eles. É preciso que os professores/escola lembrem que a leitura deve ser uma atividade mais prazerosa do que simplesmente imposta, pois, ao lerem de forma que se deleitem, os estudantes ficam mais propícios a procurarem outras leituras fora da sala de aula/atividades escolares. Azevedo assinala que “para formar leitor é imprescindível que

entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação”. (Azevedo, 2004, p.39 *apud* Marques, 2021, p.29).

Dessa maneira, é ainda mais perceptível que novas práticas pedagógicas podem contribuir para os alunos terem uma formação leitora ou, ao menos, tenham mais vontade de ler livros sejam clássicos ou contemporâneos com mais frequência. Ao se tratar de formação leitora, é necessário compreender também que ele é um processo que demanda tempo, no que diz respeito também ao conhecimento literário obtido na escola e fora dela, assim como o autoconhecimento que o indivíduo vai possuir sobre si para saber quais tipos de leitura vai consumir. Além disso, o trabalho com a formação de leitores não tem ocorrido de forma eficaz.

Camargo et al (2014) dizem que, mesmo com a criação dos PCN’s, não houve um ensino de literatura voltado para uma formação de leitores, mas uma melhora apenas em 2006 com a chegada do OCEM. Dessa maneira, fica evidente que os problemas com ensino de literatura e formação de leitores é algo que não se encaixa com os planos curriculares previstos para a educação brasileira, o que vai fazer com que os alunos possam ter um começo lento para a vida leitora. Maria Guimarães Gomes Otoni, na produção “Formação de círculo de leitura e clube de leitura para o letramento literário na escola”, aborda essa questão”.

A formação de leitores vem sendo um grande desafio no cenário escolar brasileiro nos últimos anos. Escolher um gênero literário com o intuito de atrair leitores adolescentes no século XXI, disputando sua atenção com redes sociais, jogos eletrônicos e serviços de streaming que oferecem acesso a todo tipo de filmes e séries, é uma tarefa para se pensar e analisar com cuidado, conforme já mencionado nesta dissertação. (Otoni, 2023, p. 34).

Em meio a uma sociedade (sendo as crianças e adolescentes parte considerável desse público) que dedica a maior parte do seu tempo livre a redes sociais de entretenimentos rápidos, como o *tiktok* e o *instagram*, além da falta de articulação entre redes sociais e ensino, fica ainda mais difícil o trabalho com a literatura na escola em relação a formação de leitores, tendo em vista que o alvo do ensino não consegue ver que os livros também podem ser fonte de satisfação. Outra questão que deve ser levada em consideração é o autoconhecimento do aluno em suas preferências de leitura. No entanto, para que isso aconteça, é preciso que os alunos venham recebendo uma educação literária desde cedo e assim haja uma progressão nos seus tipos de leitura.

Lima “aborda como a formação do leitor literário é feita de forma contínua, pois, à medida que esse leitor vai adquirindo mais experiência e maturidade, a leitura vai se

tornando mais significativa, pois o mesmo terá condições de alcançar novos significados para o texto, descobrindo, assim, novos sentidos a cada leitura. (Lima, 2016,p.23 *apud* Bordini e Aguiar, 1993).

Sendo assim, podemos ver que a formação de um leitor literário não ocorre de repente ou apenas na escola, mas vai ser desenvolvida no decorrer em que ele for fazendo mais leituras e se apropriando de maneira mais profunda das obras lidas. Tratando da leitura literária, não basta apenas ler diversos livros, embora isso contribua para o ampliamto de seu conhecimento literário. Leão e Barros retomam o que foi dito por Paulino anteriormente: “[...] a “formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres” (Leão e Souza, 2015, p. 432 *apud* Paulino, 2013, p.19).

Desse modo, durante o processo de se entender como leitor, é preciso que o estudante tenha consciência de quais tipos de leituras tem a contribuir para sua construção enquanto leitor. Nesse sentido, é importante que o professor entre como um mediador entre as leituras humanizadoras e críticas e os alunos, para que estes venham no decorrer do ensino saber como escolher uma obra literária de qualidade dentro da temática que prefere consumir.

Dessa maneira, “O gosto, a releitura e a preferência são indicadores que demarcam as nossas escolhas de leituras e isto, na formação do leitor literário, assume uma nova dimensão à medida em que demarcamos o lugar da leitura e da literatura em cada etapa de ensino. (Nascimento e Silva, 2023, p.110).

Com isso, os professores na hora de trabalhar com a literatura na escola, principalmente com o objetivo de atrair os seus alunos para a leitura e literatura, devem estar atentos aos tipos de conteúdos midiáticos (séries, animes, temáticas nas redes sociais) e/ou narrativas os alunos se interessa, para que assim ele traga textos chamativo aos olhos dos seus alunos.

Outra consequência vinda do letramento literário é o exercício do senso crítico dos estudantes, que ocorre por causa das reflexões geradas pelo texto literário, levando os alunos a terem novas perspectivas sobre as pessoas e situações de vida que podem se assemelhar com suas experiências pessoais. Begma Tavares Barbosa, no trabalho *Letramento literário: sobre a formação escolar do leitor jovem* traz um ponto importante sobre o assunto:

[...] podemos, então, pensar o Letramento Literário como a condição daquele que não apenas é capaz de ler e compreender gêneros literários, mas aprendeu a gostar de ler literatura e o faz por escolha, pela descoberta de uma experiência de leitura distinta, associada ao prazer estético. (Barbosa, 2011, p.148).

Como abordado na citação acima, de maneira geral, cabe ao mediador do letramento literário ter em mente que o papel principal dessa atividade social na escola é fazer com que os estudantes busquem literatura por vontade própria, principalmente fora do ambiente escolar, onde o indivíduo vai ter um leque maior de possíveis leituras que podem lhe agradar e saber opinar sobre o porquê determinados tipos de leitura lhe agradam e outras não. Sendo assim, pode-se ver que um letramento literário pode trazer um diferencial importante na vida de alguém, levando em conta que as experiências advindas dele vão perpetuar para além do espaço escolar. Ao referir-se ao sujeito que consome literatura por causa do letramento, Paulino no trabalho *Letramento Literário: Por Vielas e Alamedas* traz uma afirmação importante que resume a discussão feita até o momento deste trabalho:

[...] um cidadão literariamente letrado seria aquele que cultivasse e assumisse como parte de sua vida a leitura desses textos, preservando seu caráter estético, aceitando o pacto proposto e resgatando objetivos culturais em sentido mais amplo, e não objetivos funcionais ou imediatos para seu ato de ler. (Paulino, 2001, p.117).

Dessa maneira, a fala de Paulino sintetiza o que se esperar dos estudantes após um trabalho como o do letramento literário, e embora não seja um resultado preciso, pode-se dizer que os frutos do letramento é a formação de pessoas com o olhar mais atentos sobre literatura no que diz respeito à parte estética, podendo associar ela com sua vivência. Em suma, pode-se dizer, com base na fala dos estudiosos citados, que o letramento literário é uma prática social que objetiva aproximar os alunos da leitura literária e das reflexões obtidas nela.

Esse letramento pode ter metodologias diferentes, mas mantendo os mesmos objetivos, de modo geral. Os modelos mais comuns são as sequências didáticas básicas e expandidas, além do círculo de leitura, sendo essas três baseadas nas orientações de Rildo Cosson. Tais metodologias são base para diversos trabalhos com letramento no ensino básico, onde são trabalhadas temáticas literárias que vão ser abordadas de acordo com o desejo do professor. Vejamos adiante alguns trabalhos de letramentos aplicados durante o mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS), a fim de evidenciar como essa prática pedagógica pode ser realizada com temáticas diferentes.

Um exemplo disso é o trabalho “Literatura no ensino fundamental: proposta de letramento literário para o 9º ano”, feito por Francerly Moreira Barreiro de Araújo, que aborda uma proposta de letramento com poemas de Manuel Bandeira, no 9º ano do ensino fundamental, através de uma sequência expandida e uma proposta de leitura e escrita de crônica, para a mesma faixa de ensino que o letramento de poema. Neste último caso, o gênero escolhido para se trabalhar também tem uma grande possibilidade de chamar a

atenção dos estudantes para o texto literário, devido às suas características literárias ligadas a sua vivência.

O gênero “crônica” foi escolhido para nortear as propostas de atividades neste subtópico por se tratar de um texto que tem sua atenção voltada para fatos do dia a dia, os quais, em sua maioria, são registrados com humor e crítica. É um gênero que possibilita ampliar a percepção do aluno, através da observação das questões banais do cotidiano. (Araújo, 2015, p.101).

Partindo do que a autora comenta, pode-se dizer que o gênero crônica tende a cativar os alunos por seu estilo humorístico e trazer situações e/ou situações que vão fazer eles refletirem sobre suas próprias vivências. A seleção do gênero poema também é muito interessante, tendo em vista que vai trazer um estudo mais amplo da literatura ao trabalhar as temáticas, estilos e contextos referentes a obra poética, assim como vai apresentar aos alunos textos importantes para a literatura nacional.

Outra experiência literária interessante para servir como mais um exemplo é o letramento para o 9 ano em que a temática do trabalho foi *Felicidade Clandestina* e outros contos da autora Clarice Lispector, trabalho relatado por Gilmara Chaves Valentin Silva e Francisco Fábio Vieira Marcolino. De modo geral, o letramento abordou contos como *Felicidade clandestina*, *O primeiro beijo*, *Uma esperança* e outros contos de Lispector, importante escritora do cânone brasileiro.

Através dele estão sendo produzidos muitos trabalhos com a literatura na sala de aula. O ponto que chama atenção nesse letramento foi a utilização da rede social *Facebook* e do gênero *fanfictions* na metodologia referente à parte escrita do trabalho, unindo o gênero pouco explorado na sala de aula com obras de uma autora de muita relevância para o país, trazendo assim novas perspectivas sobre os textos clássicos e explorando criatividade e intertextualidades referentes ao texto original.

Trabalhamos, desde o início da proposta, na perspectiva de uma escrita criativa dos alunos a partir dos contos de Clarice, pois tínhamos a consciência de que, não necessariamente, eles produziram textos também literários. Mas o fato é que, de alguma forma, os alunos se inspiraram nos contos de Clarice Lispector para criar suas próprias histórias, seja pelas temáticas semelhantes, seja pelo desejo de refletir nelas questões mais profundas do ser. (Rodrigues, 2020, p.75).

Como visto, o letramento literário é capaz de fazer com que os estudantes vejam no texto literário, principalmente em produções clássicas da nossa literatura, sentimentos ou situações com que eles se identifiquem e que podem se inspirar para produzir suas próprias

narrativas, a fim de exprimir nelas suas ideias e/ou pensamentos. Por fim, também é importante falar sobre o gênero conto de fadas.

Os contos de fadas têm uma estrutura facilmente compreendida e, por isso, tornam o ouvir ou o ler prazeroso. Nesse tipo de leitura, a criança se diverte, cria fantasias, pois os contos falam de medos, de amor, das dificuldades em ser criança, de carências e de autodescobertas. (Bastos e Nogueira, 2016, p. 16).

Dessa maneira, é possível entender que os contos de fadas são importantes porque geram uma identificação dos jovens leitores para com as narrativas e mensagens, assim como estimula a imaginação e criatividade com bases nas histórias lidas. Sendo assim, as habilidades que podem surgir durante o trabalho com o letramento podem ir além das que os objetivos do professor planejam para a turma, ampliando sua visão sobre ela a fim de poder explorar tais capacidades em outras atividades fora do letramento.

1.3 O círculo de leitura: uma estratégia para ler na escola

Após as explanações feitas nas seções anteriores, será desenvolvida agora uma explicação sobre o que se trata o círculo de leitura e as competências que podem ser retiradas dele ao ser trabalhado na escola, que vão além das mencionadas no tópico anterior. Na obra *Como criar círculos de leitura*, de Rildo Cosson, é possível ver a definição desse tipo de letramento e sua metodologia. Para Cosson (2021), o círculo de leitura é uma maneira de as pessoas compartilharem em grupo suas interpretações e perspectivas em relação a uma obra, com base na leitura compartilhada dela feita antes da reunião. Desse modo, a atividade que, é feita por leitores mais experientes, também pode estar presente no ambiente escolar, mas ocorrendo de maneira adaptada, a fim de aproximar os estudantes que muitas vezes não têm apreço pelo hábito de ler um livro de literatura ou algum texto mais curto. Vale dizer que a BNCC espera que os estudantes do ensino fundamental participem desse tipo de atividade:

Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas [...] (Brasil, 2018, p.157).

Levando em consideração o aspecto acima apresentado, pode-se ver que a leitura em grupo possibilita aos alunos a oportunidade de expor sua opinião referente às suas leituras que precisa acontecer na escola e poderá ser um trabalho articulado a novas tecnologias que

contribuirão bastante para o ensino da literatura ao unir leitura com ferramentas tecnológicas presentes no cotidiano dos estudantes.

Na escola, um círculo de leitura é uma estratégia didática privilegiada de letramento literário porque, além de estreitar laços sociais, reforçar identidades e solidariedade entre os participantes, possui um caráter formativo essencial ao desenvolvimento da competência literária possibilitando, no compartilhamento da obra lida por um grupo de alunos, a ampliação das interpretações individuais (Cosson, 2021, p.09).

Partindo das afirmações de Cosson, o círculo de leitura tem muito potencial para despertar nos estudantes o desejo pela leitura literária, já que a atração por ela pode vir principalmente por eles estarem fazendo parte de uma atividade em grupo diferente das que normalmente ocorrem nas escolas.

Com base no que foi discutido até o momento, é possível afirmar que o círculo de leitura é uma prática de letramento literário que permite os estudantes lerem e se aprofundarem na leitura de uma determinada obra em conjunto. Desse modo, práticas como os círculos de leitura podem trazer um impacto positivo no ambiente escolar, pois haverá um trabalho com o texto literário de forma mais ampla em um espaço de tempo maior.

Para se efetivar o letramento literário na escola, entendemos que a obra literária deva ser trabalhada em sua integralidade, para isso é necessário que nós, professores, abandonemos as práticas de leitura por meio de textos fragmentados e descontextualizados e assumamos a postura da leitura do livro [...] (Leão e Souza, 2015, p.429).

A fala das autoras reforça a problemática do mau uso do livro didático atrelado ao ensino de literatura que vem acontecendo nos ensinos fundamental e médio, uma falta de didática e manejo do conteúdo literário, dificultando o crescimento de novos leitores que podem surgir na escola através do ensino. Além disso, também é preciso que escolas e professores (que muitas vezes não tem preparo ou interesse na literatura) estejam abertos a novas maneiras de trabalhar literatura como através dos círculos de leituras.

A partir do trabalho com esse tipo de letramento, pode-se ter outras competências que o estudante/cidadão pode adquirir com essa prática social, fora o estímulo ao senso crítico e ter um incentivo à leitura literária. Tais competências são início de uma formação leitora e conhecimento de análise literária. É preciso ressaltar que ambas as competências citadas são processos que vão evoluindo à medida que os estudantes vão aumentando seu conhecimento literário e de mundo. Sendo assim, nas séries iniciais do fundamental II é mais compreensível que alguns alunos demorem a se aproximar da leitura ou fazer análise com grandes quantidades de elementos e reflexões profundas.

Cosson (2021) afirma que por meio do círculo de leitura os alunos aprendem em grupo a como manusear o texto, adquirindo formas diferentes de interpretações que vão fazê-los expor e analisar de maneira crítica o texto lido. Desse modo, é esperado que os estudantes possam adentrar na obra lida no círculo de leitura desvendando as camadas que ele possui, com a ajuda do professor/orientador do círculo que deve dar dicas de como e que tipo de elementos eles podem analisar dentro de uma obra literária.

Uma ferramenta proposta por Cosson para auxiliar os alunos a fazerem uma leitura mais detalhada em círculos de leituras é o cartão de função. Segundo Cosson (2021), os cartões de função são atividades planejadas anteriormente à leitura, para ajudar leitores com pouca experiência com a leitura literária a explorar o texto. Assim, os cartões têm um papel de ajudar os estudantes a refletirem e compreender melhor a narrativa lida. Também é preciso olhar para os próprios saberes dos alunos nesse momento de análise após a leitura.

Entendida como construção subjetiva, a leitura pressupõe um trabalho interpretativo intenso do leitor, que aciona conhecimentos de diversas naturezas: conhecimento de mundo, enciclopédico, conhecimentos sobre a linguagem, sobre os gêneros literários, e mesmo conhecimentos sobre a história da literatura. (Barbosa, 2011, p.155).

Os alunos possuem muitos conhecimentos sobre coisas de fora da escola que devem ser valorizados, e Barbosa traz alguns desses tipos de saberes à luz em sua fala, sendo eles elementos que podem auxiliar no momento do ensino não só de literatura mas de outras áreas de ensino, havendo assim um reconhecimento dos potenciais dos estudantes. É importante dizer que não se pode exigir uma análise tão profunda da obra lida nos letramentos devido a falta de experiência com a literatura, idade e percepção dos elementos do texto que podem trazer novos significados para a leitura. No caso das leituras feitas principalmente no início do ensino fundamental é compreensível que os estudantes se aprofundem no texto de maneira mais tímida.

Um exemplo de círculo de leitura é o implementado por Aline Giseli da Silva Lima, autora mencionada anteriormente neste trabalho. Seu trabalho ocorreu em uma escola na cidade de João Pessoa, Paraíba, em uma turma de 9 ano, que possuía 15 alunos. No decorrer do projeto a autora utilizou os textos “Lixo”, de Luis Fernando Verissimo, alguns capítulos da obra *Tchau*, de Lygia Bojunga e “A carteira”, de Machado de Assis. A autora chama atenção para o envolvimento que os alunos tiveram com o segundo texto, que ocorreu no quarto momento do círculo.

Os alunos deixaram-se envolver pela história, alguns chegaram a encher os olhos de lágrimas no final da leitura, por se tratar de um texto triste, em que a mãe abandona a família para viver um romance extraconjugal. As funções exercidas pelos alunos foram primordiais nesse momento, pois até então as discussões estavam muito a nível pessoal, com alguns alunos julgando a atitude da personagem. Um dos alunos questionou o porquê da mãe, personagem do texto ter abandonado seus filhos e marido, daí o restante da turma foi passando a buscar no texto as explicações para as ações das personagens, além de observar os detalhes do texto, que, apesar do desfecho triste, trata-se de um texto bem escrito e interessante por contar a história partindo da ótica de uma criança. (Lima, 2016, p.50).

Através do que foi exposto pela autora, podemos ver como o trabalho com a leitura literária pode levar os estudantes a expandirem suas análises críticas e os conectar com seu lado emocional, visto que através de determinadas temáticas os alunos podem ficar mais interessados pela leitura e querer se aprofundar mais nela, obtendo um olhar mais aguçado sobre os assuntos abordados na obra, os elementos da narrativa e como esta foi construída. Outro ponto que chama atenção no trabalho de Lima foi o último encontro, em que foi utilizada a leitura da música “Cálice”, de Chico Buarque, ocasionando uma discussão produtiva, após ser abordado o contexto no qual a música foi escrita.

Os alunos expuseram suas opiniões sobre democracia, política, corrupção, eleições municipais e o papel da música como expressão, fazendo paralelo com músicas atuais que também retratam alguma problemática social. Após o término da leitura do texto, começavam as discussões. Cada aluno falava sua opinião sobre o texto, compartilhando suas leituras e alcançando novos horizontes interpretativos. (Lima, 2016, p.52).

A utilização da música no letramento se mostrou tão produtiva quanto a leitura das outras obras literárias que foram trabalhadas com os alunos, pois por meio da discussão dela foi possível ver como os alunos conseguiram associar a música de Buarque com produções atuais e fazendo um exercício no seu senso crítico, tendo em vista que expressaram suas concepções de democracia, política e etc.

Vale salientar que no terceiro capítulo deste trabalho será exposto um círculo de leitura baseado em Cosson onde possui como texto base o conto da “A pequena sereia”, presente no livro *Contos de Fadas de Andersen: Vol.1*, com foco na antagonista da história. Ao trabalhar com os contos de fadas na escola, é possível mostrar aos estudantes que tais narrativas não estão resumidas apenas em uma história considerada “simples”, mas que elas possuem fortes influências do meio em que surgiram e podem ser revistas de acordo com o tempo, podendo ter novos significados.

Assim como as fábulas, os contos de fadas são usados há muito tempo para induzir as pessoas a comportamentos ou valores de diferentes contextos sociais e históricos.

Esses múltiplos sentidos dessas narrativas podem ser ajustados a valores contemporâneos no processo de formação crítica do leitor. (Santos et al., 2017, p.111).

Dessa maneira, o valor histórico e social que rodeiam os contos de fadas é uma fonte rica de conhecimento para mostrar aos estudantes como literatura e sociedade estão conectadas e que os valores presentes nas obras podem ser vistas com novas perspectivas através de reflexões e debates. Adiante será feita uma explanação sobre a origem dos contos de fadas e a construção das personagens antagonistas conhecidas como “vilãs”, abordando também pontos referentes ao conto da “A pequena sereia”, de Hans Christian Andersen, a fim de uma melhor compreensão do porquê trabalhar a narrativa na sala de aula, principalmente dando um enfoque na vilã da narrativa.

CAPÍTULO II: Contos de fadas: O que são ? Origens e contribuintes

Um dos tipos de narrativas que marcaram a literatura, seja ela oral ou escrita, e que se perpetua no conhecimento popular por meio da mídia e adaptações até os dias atuais, é o conto de fadas. As histórias encantadoras com heróis, vilões, lugares e seres mágicos são carregadas de ideias vindas das épocas em que foram registradas, tornando-as histórias mais profundas e ricas culturalmente, indo além do entretenimento para o público infantil. Para iniciar essa discussão, é necessário pontuar que grande parte dessas narrativas têm sua gênese a partir da tradição oral de povos antigos, sendo os mitos e folclores desses povos uma possível base para as narrativas contemporâneas. No livro *Em busca dos contos perdidos: o significado das funções femininas nos contos de Perrault*, Mariza Mendes (2000) traz um pensamento de grande relevância ao refletir sobre a relação entre os contos de fadas e a tradição oral.

Tão remoto quanto a origem da humanidade, o ato de ouvir e contar histórias não é apenas um dos muitos hábitos que os homens foram desenvolvendo ao longo de sua existência. Na verdade trata-se de um ato de prazer, cuja finalidade é exatamente fugir aos hábitos rotineiros que marcam a monotonia da vida cotidiana. (Mendes, 2000, p.22).

Como bem pontuado pela autora, o ato de repassar histórias pela oralidade é um hábito muito importante para a humanidade e como veremos adiante, contribuiu para divulgar narrativas, que eram por diversas vezes educativas, assim como representavam momentos importantes para um povo. Dito isto, passemos para um detalhamento sobre o que é o conto de fadas e de sua história na literatura, apresentando os momentos mais marcantes desse gênero, uma vez que não é possível traçar uma linha temporal exata de sua evolução.

Para Souza, “[...] contos de fadas, contos maravilhosos ou contos de encantamento referem-se àquelas histórias marcadas pelo maravilhoso e pela fantasia sem causar estranhamento em quem as lê.” (Souza, 2022, p.187). Partindo do que a autora apresenta, é perceptível como os contos de fada pertencem ao grupo histórias em que estão presentes elementos mágicos e estes convivem normalmente com os seres reais daquele mundo, sem causar estranhamento ou surpresa para os personagens das narrativas.

No entanto, existem pontos que diferenciam as narrativas maravilhosas dos contos de fadas, como podemos ver adiante. Segundo Coelho (2003), os contos de fadas têm sua fonte na cultura celta e são voltados para questões existenciais e espirituais, relacionadas à realização pessoal através do amor. Desse modo, podemos perceber como as características de muitos contos de fadas relacionadas com o amor e os “finais felizes” estão conectadas com

a essência cultural dos celtas. O pesquisador Vladimir Propp traz características do que é um conto de magia, gênero que se assemelha bastante com o conto maravilhoso e de fadas.

Do ponto de vista morfológico podemos chamar de conto de magia a todo desenvolvimento narrativo que, partindo de um dano (A) ou de uma carência (a) e passando por funções intermediárias, termina com o casamento (W0) ou outras funções utilizadas como desenlace. A função final pode ser a recompensa (F), a obtenção do objeto procurado ou, de modo geral, a reparação do dano (K), o salvamento da perseguição (Rs), etc. (Propp, 2001, p.90).

Baseando-se no que o autor afirma, é possível observar que Coelho em seu pensamento possui uma relação com Propp, tendo em vista que ambos pontuam o fato de que o conto de magia e/ou contos de fadas são histórias em que o personagem principal vai sofrer com uma determinada situação e vai passar por um processo vindo da mesma, obtendo ao final da história um encerramento onde a recompensa é um casamento ou uma recompensa muito desejada.

Dessa forma, é possível afirmar que um conto de fada é uma narrativa curta onde os personagens principais vivem em um mundo onde elementos/acontecimentos mágicos são vistos como algo normal e, no decorrer de suas missões, acabam se envolvendo em complicações, que são resolvidas ao final da narrativa e que tendem a ser concluídas com uma relação amorosa ou de recompensa financeira para o (os) protagonistas.

2.1 Origem dos contos de fadas e principais produtores

Após essa explanação sobre a conceituação do gênero conto de fadas, será desenvolvido em seguida um breve panorama histórico sobre os possíveis surgimentos dessas narrativas e como elas ganharam força no decorrer do tempo, como mencionado anteriormente. Nelly Novaes Coelho (2003), no livro *Os contos de fadas - mitos e arquétipos*, aponta que entre o século XVIII e XIX aconteceram descobertas arqueológicas que revelaram algumas cidades que até então apareciam apenas em histórias. A autora afirma que, partindo dessas descobertas, passaram a existir pesquisas de diferentes áreas de conhecimento e países, a fim de tentar descobrir quais as origens das narrativas nacionais e folclóricas que faziam parte de suas culturas, já que histórias semelhantes a “Chapeuzinho vermelho” e “A gata borralheira” foram encontradas em culturas diferentes.

O cruzamento das várias pesquisas acabou revelando, nas raízes daqueles textos populares, uma grande fonte narrativa, de expansão popular: a fonte oriental (procedente da Índia, séculos antes de Cristo), que se vai fundir, através dos séculos,

com a *fonte latina* (greco-romana) e com a fonte *celtico-bretã* (na qual nasceram as fadas) (Coelho, 2003. p.30).

Com base no que a autora afirma, pode-se dizer que as narrativas maravilhosas e contos de fadas surgiram por meio do enlace da chegada das histórias em diferentes culturas e tempo, ocorrendo da tradição popular dos povos irem construindo as narrativas de acordo com suas maneiras e peculiaridades. Dentre as fontes orientais do conto maravilhoso, é importante destacar os textos de *Calila e Dimna*, assim como o livro *Sendebär*.

De acordo com Coelho (2003), a primeira fonte foi encontrada por pesquisadores na coletânea *Calila e Dimna*, união de três livros sagrados da considerada “Índia primordial”: *Pantschatantra*, *Mababbarata* e *Vischno Sarna*. Adiante, a autora aponta que os textos da coletânea foram usados no século VI, antes de Cristo, pelos pregadores budistas. Com isso, é possível concluir que as narrativas de *Calila e Dimna* foram muito difundidas por diferentes regiões com grande ajuda pelo trabalho dos budistas.

Outro conjunto de obras importante para a história dos contos de fadas é a coletânea *Sendebär* ou *O livro dos enganos das mulheres*. Conforme Coelho (2003), *Sendebär* é importante por possuir narrativas de teor existencial, isto é, os elementos de sabedoria vinda da palavra e a paixão romântica/amorosa. Posto isto, podemos ver como as coletâneas de origem oriental desempenharam um papel importante para a difusão e enriquecimento literário, tanto é que Coelho cita as histórias de “Aladim e o gênio” e “Ali Babá” como vindas desse conjunto de contos.

Além disso, uma cultura muito importante que teve grande influência sobre o tipo de conto que vem sendo tratado nesta parte do trabalho foi a cultura celta, que criou a figura da fada e características que ajudam a definir o gênero conto de fada, como já foi relatado brevemente. A criatura fada, ser de muita importância para as histórias maravilhosas/de fada, veio do contato da cultura mística celta com as produções literárias medievais, que, de forma singela, pode ser definida como uma mulher boa que possui poderes mágicos. Uma observação importante a ser feita é que apesar dessa definição, nem sempre uma fada vai ser alguém bondoso.

Tornaram-se conhecidas como seres fantásticos ou imaginários, de grande beleza, que se apresentavam sob a forma de mulher. Dotadas de virtudes e poderes sobrenaturais, interferem na vida dos homens, para auxiliá-los em situações-limite, quando já nenhuma solução natural seria possível (Coelho, 2003, p.72).

Dessa maneira, a personificação da fada como é conhecida até os dias atuais tem uma forte relação com a descrição apresentada por Coelho, uma vez sua visão atual aponta que tais

criaturas ainda são retratadas muitas vezes na literatura e nas mídias como seres femininos de beleza encantadora, detentoras de poderes mágicos e um coração “bondoso”. Ademais, vale dizer que os mitos também tiveram forte influência na história dos contos de fadas. Seja a mitologia grega, romana, egípcia, ou de povos indígenas ao redor do mundo, por exemplo, o que a maioria possui em comum é o fato dos mitos serem uma forma de explicar o mundo e os fenômenos que ocorrem nele, sendo uma fonte religiosa e de ensinamento dos povos criadores de tais crenças.

Mas há um consenso entre os pesquisadores: as histórias que hoje conhecemos como "contos maravilhosos", "contos de magia" ou "contos de fada" são remanescentes da tradição mitológica, e os mitos se originaram dos rituais praticados nas tribos primitivas. Nessas comunidades, onde surgiram as primeiras idéias sobre o "poder divino", a divindade era feminina. (Mendes, 2000, p.22).

Através da fala de Mendes, pode-se ver que muitos contos de fadas podem ser reflexos gerados por tribos primitivas com suas mitologias e mitos pagãos. A concepção da autora também revela um ponto importante que se liga com a cultura celta: o nascimento da figura feminina como um ser sobrenatural, ligado ao sagrado. No livro *Em busca dos contos perdidos*, Mendes ainda aborda uma pesquisa sobre a origem dos contos de fadas vindas de sociedades primitivas, realizada pelo linguista russo Vladimir Propp.

Na pesquisa realizada pelo linguista é revelado que narrativas maravilhosas e rituais realizados por alguns povos apresentavam uma estrutura em comum, revelando que os contos de fadas podem ser separados em dois ciclos. Para Mendes (2000), o ciclo de iniciação sexual diz respeito às histórias de heróis ou demais protagonistas que recebem ajuda de forma mágica em meio aos seus problemas, crianças perdidas em bosques, lugares proibidos/perigosos ou elementos semelhantes, enquanto os contos do ciclo que representavam a vida depois da morte, são aqueles em que uma mulher é raptada por uma fera como um dragão, nascimentos ou ressurreições milagrosos, entre outros parecidos.

Ao refletir sobre as ideias de Mendes, baseadas na pesquisa de Propp, podemos ver como muitas narrativas conhecidas se encaixam dentro dos perfis de ambos os ciclos, a exemplo de “João e Maria”, “Chapeuzinho vermelho”, “Cachinhos dourados” e “Rapunzel”. Mendes menciona também em sua obra que os ensinamentos vindos desses rituais foram repassados depois de um tempo de forma oral para os membros de suas comunidades. Dessa maneira, após essa explanação sobre as diferentes perspectivas de origem do conto de fadas, passemos agora para como as narrativas, em sua maior parte oralizadas, tornaram-se uma literatura escrita.

De qualquer modo fica claro, para o eminente folclorista e linguísta russo, que o conto popular, como hoje se apresenta, é o resultado da profanação do mito, que deixa de ser sagrado, religioso, para se tornar profano e artístico. Esse é o momento em que nasce o conto. Fica claro também que o conto atual herdou das comunidades mais antigas sua cultura e ideologia. (Mendes, 2000, p.26).

Como perceptível nos pensamentos da autora, ao revelar dados da pesquisa de Propp, a passagem do mito enquanto ferramenta oral para o compartilhamento de saberes e ligado ao âmbito do sagrado dentro das tribos primitivas para o conto quando os aspectos sagrados de lado foram perdendo espaço para os elementos mais estéticos e ideológicos que o conto apresenta. Por fim, também é importante tratar dos *Lais*, produções literárias que tiveram uma participação importante na história dos contos de fadas durante o período medieval. “Os lais são poemas narrativos curtos oriundos da tradição oral. Assim como os mitos e lendas, são formas literárias simples de essência folclórica e estão fortemente ligados a um povo específico: os bretões.” (Oliveira, 2022, p.26).

Dessa maneira, é permitido dizer que os lais são pequenas produções literárias que possuem elementos folclóricos e surgiram da tradição oral, sendo marcantes principalmente por estarem associados à cultura da Bretanha. Ao tratar dos lais, é importante tratar sobre *Marie de France* (ou Maria de França), uma das principais disseminadoras desses textos, tendo um conjunto desses textos intitulado *Lais de Marie de France*.

Acompanhando a mãe, que se tornara rainha da Inglaterra, Marie de France, ainda menina, muda-se para a corte britânica. Lá, completa sua educação e, com os trovadores da corte, passa a conviver com essa literatura de matéria bretã, impregnada pela magia sonhadora dos celtas. (Coelho, 2003, p.30).

Com isso, percebe-se que Marie vinha de uma linhagem nobre, o que lhe permitia ela ter a possibilidade ser uma mulher instruída, isto é, uma mulher que poderia ler e escrever em uma época em que as mulheres fora da nobreza não tinham essa oportunidade. “Ela se mostra uma estudiosa disposta, apta a fazer traduções, como era a tendência da época. Porém, de natureza ousada, Maria de França buscou algo novo, uma atividade que ainda não haviam feito e decidiu então trabalhar com a matéria oral dos lais que ouviu”. (Oliveira, 2022, p.26). Dessa maneira, é possível ver como *Marie* foi uma mulher que estava mais à frente do seu tempo, uma vez que não acomodou-se em ficar na sua zona de conforto, decidindo ir mais além na literatura. Nos *lais* produzidos por ela podem ser encontradas características do contos de fadas, que, assim como as produções da francesa, bebem da mesma cultura: a celta.

Neles se expressa uma nova visão da mulher, do amor e de um mundo misterioso em que objetos tem vida, as fadas e os magos reinam, os animais falam, os homens transformam-se em animais, os heróis realizam feitos sobre-humanos e no qual

existem os “filtros do amor”. Contra a brutalidade dos tempos medievais, iniciava-se uma época de tendencia humanizante e espiritualizada (Coelho,2003,p.54).

Partindo das ideias da autora, fica ainda mais evidente como os *lais* de *Marie de France* e os contos de fadas estão ligados, uma vez que ambos possuem origens vindas da cultura celta e muitos elementos e mensagens presentes nas narrativas de *France* também podem ser encontradas nos contos de fadas, como, por exemplo, as façanhas dos heróis, animais falantes, assim como o teor espiritual.

Sobre a literatura dos contos de fadas é importante mencionar que esta teve diferentes contribuidores que ajudaram no compartilhamento e produção das narrativas. Para dar início, apresentaremos “os salões das preciosas”, assim como de Madame D’Alnoy, escritora importante nesse contexto. Souza (2015) diz que as chamadas “preciosas” eram mulheres letradas que conviviam juntas com intelectuais e compartilhavam suas produções literárias em salões, dando origem a romances preciosos. Com isso, compreende-se que os salões, onde as mulheres de alta condição financeira reuniam-se, foram lugares de muita produção literária, incluindo os de contos de fadas, de modo que também serviam para nobres e intelectuais trocarem conhecimentos. Dentre as preciosas, cabe falar de Madame D’Alnoy, mulher relevante para a literatura naquela época:

Mme. D’ Alnoy, jovem baronesa de vida aventureira e cheia de escândalos, escreve o romance precioso *História de Hipólito* (1690), em que existe um episódio “História de Mira”, cuja a personagem principal é uma fada, espécie variante da maga celta, Melusina. O grande sucesso dessa personagem provocou a “moda das fadas” na corte francesa. Entre 1696 e 1698 Mme. D’Alnoy publicou oito romances preciosos: contos de fadas, Novos contos de fadas, Ilustres fadas, entre outros. (Coelho, 2003, p.78).

Partindo do que Coelho aborda, D’Alnoy foi a preciosa responsável pela “onda” de produções literárias francesas sobre fadas e textos relacionados a elas em sua época, tendo em vista que sua obra *História de Hipólito* serviu de inspiração para que narrativas onde a fada aparece fossem produzidas, levando a sua popularidade. Além disso, a baronesa também contribuiu para outro ponto relacionado ao conto de fadas. No trabalho *Marie-Catherine D’Aulnoy: A precursora de um gênero literário*, vemos com base no estudioso Zipes, que D’Aulnoy foi a primeira a utilizar o termo “conto de fada”.

“O pesquisador da Universidade de Minnessota afirma que o termo fairytale só teria se popularizado em língua inglesa na segunda metade do século XVIII, anos após a primeira tradução dos contos de d’Aulnoy, intitulada *Tales of the Fairies*, publicada em 1707.” (Filho,2021, p.06). Tomando como base o que Filho e Coelho tratam sobre a nobre francesa,

pode-se ver que ela teve um papel importante na literatura infantil e infanto juvenil, visto que a autora traz à tona o termo “contos de fadas” associado ao tipo de narrativa e contribuiu, junto com as demais nobres dos salões, para a produção e difusão de tais histórias envolvendo fadas, que inicialmente eram direcionadas aos adultos.

Outro autor importante para a literatura infantil e infanto juvenil foi Charles Perrault. No que diz respeito à vida do escritor, segundo Souza (2015, p.12) “Perrault nasceu em Paris, aos 12 dias de janeiro de 1628. Filho de membros da alta burguesia, classe que estava sempre próxima à corte esperando pela possibilidade de comprar um cargo oficial e estabelecer-se na nobreza.”. Como relatado pela autora, Perrault era natural da França e pertencia à classe próxima à nobreza, proporcionando assim um lugar de fala mais elevado. Um dos autores mais importante para a literatura infantil e infanto juvenil por ser um dos pioneiros a difundir os contos de fadas, tem como suas principais obras as coletâneas chamadas de *Histórias ou contos de outrora* e *Contos da mamãe gansa*, um marco na literatura, principalmente na área de estudo dos contos de fadas, sendo esta última publicada em 1697 e composta por oito contos.

Segundo Schneider e Torossian, “Esse autor registrava as histórias com base em narrações populares, adaptava-as e as floreava conforme a necessidade da corte francesa da época, acrescentando proeminências e censurando detalhes da cultura pagã e da sexualidade humana.” (Schneider e Torossian, 2019, p.135). Pode-se ver como um dos principais registradores de contos de fadas, como é o caso de Perrault, foi influenciado pelo folclore e tradição oral, levando os contos de fadas a ganharem um modelo singular.

Para Souza, “Com essas obras, Perrault fez nascer entre as altas classes um novo interesse por contos retirados do folclore popular, que terão seu momento de glória no decorrer do século seguinte à sua publicação.” (Souza, 2015, p.18). Tendo em vista o que a autora traz em sua fala, compreende-se mais da importância da obra de Perrault na sociedade de sua época e literatura, já que a obra *Contos da mamãe gansa* despertou na classe alta o interesse pelas narrativas vinda da tradição oral/cultura popular.

Outros contribuintes para produção e compartilhamento dos contos de fadas foram os irmãos Grimm. “Os irmãos Grimm têm a sua infância e adolescência vividas em Hanau, distrito de Hessen-Cassel (1785/86-1790), onde seus pais trabalhavam.” (Cotta, 2017, p.180). Como visto um pouco acima sobre a história dos escritores famosos, eles nasceram na Alemanha, a cidade de Hanau, entre 1785 e 1790.

Para Jolles (1976), o conto teve uma formato literário definido quando os irmãos Grimm lançaram uma coletânea de histórias intitulada *Kinder-und Hausmarchen* (contos para

crianças e famílias). Dessa forma é possível ver um pouco da importância dos irmãos Grimm para a literatura, tendo em vista que o gênero conto tomou uma determinada forma a partir de suas produções. Ainda sobre os escritores mencionados, também é importante mencionar que parte de suas produções tem origem na tradição oral.

“A exemplo de Arnim e Brentano, recolhendo o lirismo e a música que viviam no povo, Jacob e Wilhelm Grimm empenharam-se em redigir as narrativas populares nas múltiplas formas em que elas se apresentavam.” (Jolles, 1976, p.182). Com isso, pode-se ver novamente que as histórias que levam os nomes dos Grimm vem na verdade da fonte popular, sendo o papel dos irmãos registrar, isto é, tornar a versão construída por eles um modelo fixo da narrativa.

2.2 A construção dos personagens e suas significações

Ao adentrar nos estudos sobre os contos de fadas, é possível ver que as histórias e os seus elementos (personagens, lugares, entre outros) possuem um determinado valor simbólico ou transmitem alguma mensagem implícita que pode induzir o leitor a ter determinados pontos de vista. Para evidenciar como os elementos de um conto de fadas podem influenciar de maneira indireta as pessoas, principalmente o público infantil, será feita uma explanação sobre o elemento personagem, dando foco nos do tipo protagonista e antagonista.

Para uma melhor definição do que são as classificações de personagens escolhidas para se discutir nessa parte do trabalho, cabe dizer que, segundo Gancho (2003), o protagonista é o personagem fundamental da narrativa. Dessa forma, ele vai ser o indivíduo ou ser em que a história gira em torno. No que diz respeito ao antagonista, este “é o personagem que se opõe ao protagonista, seja por sua ação que atrapalha, seja por suas características, diametralmente opostas às do protagonista. Enfim, seria o vilão da história.” (Gancho, 2003, p.12). Desse modo, compreende-se que os antagonistas ou vilões são aqueles na história que tentam prejudicar o protagonista, possuindo na maior parte das vezes princípios diferentes do protagonista.

Posto isto, apresentaremos a partir de agora sobre as características dos personagens protagonistas dos contos, considerados heróis ou “mocinha” e também as vilãs transmitem determinadas mensagens de teor ideológicos vindos da época/sociedade em que foram registradas, tendo em vista que nesses momentos históricos, as mulheres na maior parte das vezes tinha que ser submissa aos homens, ao pai e ao marido. Desse modo, o poder patriarcal sobre as mulheres, que permaneceu forte por muito tempo, vem diminuindo nos dias atuais.

Porém, ainda é comum mulheres e homens pensarem que por identificarem-se com determinados gêneros, possuem papéis definidos na sociedade, sendo o homem detentor de maior força (moral e física) e com lugar de fala para discutir sobre os problemas sociais e políticos, por exemplo.

Claudete Carvalho Canezin traz um fato importante sobre a função da mulher na sociedade em *A mulher e o casamento: da submissão á emancipação*. “À mulher, a única realização possível era o casamento e a maternidade, pois eram consideradas destituídas de mentalidade racional. Sua única vantagem era a maternidade, que lhe conferia a educação dos filhos, sempre sob a supervisão e autoridade do marido.” (Canezin, 2004, p.146). Tendo em vista o que a autora pontuou, é possível ver na sociedade atual que muitos ainda acreditam serem esses os papéis que uma mulher tem que desempenhar na sociedade, sendo o casamento e a maternidade como única fonte de felicidade e realização pessoal.

Essa visão de mundo, isto é, a perspectiva patriarcal/machista não ficou de fora da literatura, ocorrendo das características desse sistema social aparecerem de alguma maneira nos contos de fadas, os tornando assim instrumentos artísticos para a passagem implícitas de modos de pensar. No estudo sobre a origem dos contos registrados por Perrault, Mendes (2000) diz que os contos mostram as características comportamentais que a ideologia burguesa acreditava serem ideais para as mulheres e crianças, sendo elas o conformismo, fragilidade e submissão. Com isso, fica perceptível como o patriarcado sempre buscou maneiras de manipular e “conter” as mulheres e crianças, contribuindo assim para sua permanência no poder social, econômico e físico, sempre direcionando a mulher para um caminho em que ela fique dependente do homem de modos diferentes.

À vista disso, será explanado adiante sobre como esses ideais vindos da burguesia estão presentes em personagens de contos de fadas, principalmente nas protagonistas das narrativas que geralmente são crianças ou mulheres jovens e seus antagonistas. Tratando dos dois primeiros tipos mencionados, utilizaremos como base os escritos de Sonia Salomão Khéde no livro *Personagens da literatura infanto juvenil*.

Sobre o personagem criança, Khéde (1986) assinala que o personagem criança se faz presente quando a narrativa o associa a representação da inocência e fragilidade, assim como ligado aos processos de rituais sobre iniciação. Posto isso, fica mais claro como os valores patriarcais estão presentes na formação dos tipos de personagens mencionados, já que as crianças na história vão apresentar um modelo de inocência e necessidade do cuidado de alguém mais velho, a quem se deve ter respeito, de modo que também possui uma das características dos mitos, ao estar relacionado com rituais de iniciação. Outras personagens

que carregam a influência machista/patriarcal são as princesas (sejam elas possuidoras do título por nascimento ou casamento).

De acordo com a autora, “As princesas são caracterizadas pelos atributos femininos que marcam a passividade e a sua função social como objeto do prazer e da organização familiar. Belas, virtuosas, honestas e piedosas, elas merecerão como prêmio o seu príncipe encantado [...]” (Khéde, 1986, p.22). Como bem pontuado por Khéde, a imagem formada da princesa protagonista de um conto de fada é a de uma jovem dotada de beleza, honesta e que possui como recompensa após passar por algum conflito o privilégio do casamento, ressaltando mais uma vez a ideia ter que ser bonita e encontrar no matrimônio a felicidade. Exemplos de narrativas que se encaixam nesses ideais são “Cinderela”, “Branca de Neve” e “Bela Adormecida”.

Por outro lado, nas histórias infantis é muito frequente ter a presença de uma bruxa ou mulher que faz o papel de antagonista, devido ao seu desejo por vingança, inveja ou pura maldade. Michelle Costa de Sousa, no trabalho *As bruxas nos contos infantis: a construção de uma alegoria maléfica do feminino*, aborda as percepções patriarcais em relação às mulheres que não seguiam esse sistema e como elas não deveriam ser exemplos para as crianças. A autora apresenta personagens femininos estranhos e fora do padrão estético e moral. “A bruxa tem sua retratação nessas obras como velhas doentes e horrendas de forma que a postura física cause horror, medo e assuste os pequenos leitores” (Sousa, 2022, p.31).

Em muitos contos de fadas, a figura da antagonista, principalmente a bruxa, apresenta muitas das características pontuadas por Sousa, ou seja, a irmã/parente da protagonista ou a senhora misteriosa é descrita como alguém desprovida de beleza, com idade avançada, sendo capaz de causar medo aos personagens que as conhecem e ou/ao leitor da narrativa em questão. Outro ponto a ser tratado é a questão da transgressão da moralidade inscritas nas vilãs, que geram violências físicas e psicológicas nas protagonistas.

De acordo com Sousa, “[...] as histórias que os pais alertavam seus filhos, de que existiam mulheres horrendas que viviam sozinhas nas florestas para cometer crueldades e firmar seus laços com o diabo” (Sousa, 2022, p.35). Tendo em vista a fala da autora, fica perceptível como o ato de associar mulheres que não se encaixavam no sistema patriarcal à imagem das bruxas, como seres perversos e imorais, era algo recorrente. Dessa maneira, é compreensível porque as bruxas apresentam características negativas, em diferentes aspectos. Além da diferença do perfil dos personagens protagonistas e antagonistas, outra comparação que marca a oposição, e conseqüentemente o apreço/identificação dos leitores/ouvintes para com os personagens, é a diferença entre a bruxa e a fada. Segundo Mendes:

A fada é a deusa-mãe-bondosa que protege e garante a felicidade para sempre. A bruxa é a deusa-madrasta-malvada que persegue e tenta impedir a realização da jovem. Ambas têm poder, mas o bem sempre é o vencedor, segundo a moral ingênua, por isso a felicidade está garantida. É a moral burguesa também. (Mendes, 2000, p.94).

Utilizando como base a citação acima, é possível afirmar que enquanto a primeira passa a ideia e representação de um ser belo, amável e que usa seus dons para tornar a vida do protagonista melhor e feliz, como já foi tratado anteriormente; a segunda passa o oposto: mensagem de um ser odioso e maligno, indigno de respeito e de sentir coisas boas. Outro elemento da narrativa que salienta as consequências pelos desvios dos ideais considerados “corretos” dentro dos contos de fadas são os finais que cada personagem recebe. “Desse modo, premiando as bem comportadas e castigando as que fogem ao padrão imposto pela sociedade, os contos vão transmitindo lições de moral para as mulheres e as crianças.” (Mendes, 2000, p.99). Portanto, assim fica evidente do porquê de as personagens antagonistas, isto é, as bruxas e demais vilãs, terminam com um final trágico nas histórias, uma vez que o pensamento sobre os desvios dos ideais esperados pela sociedade (como a não realização de matrimônio e geração de filhos) podem levar as moças a um caminho de sofrimento e castigos.

É importante evidenciar que a ocorrência da representação da figura da bruxa como desprovida de beleza e insensível gerou no decorrer do tempo um arquétipo de como esse tipo de personagem deve ser representada. “Um arquétipo é uma forma de pensamento ou de comportamento, um símbolo das experiências humanas básicas, que são as mesmas para qualquer indivíduo, em qualquer época e qualquer lugar.” (Mendes, 2000, p.35). Sendo assim, pode-se dizer que, devido às influências machistas vindas das sociedades em que os contos foram registradas, a imagem de uma bruxa permanece em grande parte associada a algo negativo e que não é bem vista pela sociedade, ainda que nos dias atuais a literatura apresente bruxas consideradas boas, como é o caso de Glinda¹, personagem do livro “*O mágico de Oz*”.

2.3 Andersen: de sapateiro a escritor mundial

Depois de percorrer uma trajetória sobre contos de fadas, seus contribuidores e explanação sobre a relação da sociedade com a construção dos personagens desse tipo de narrativa, apresentaremos nesse tópico Hans Christian Andersen, escritor do conto utilizado

¹ A personagem Glinda, da obra “*O mágico de Oz*”, de L. Frank Baum, é representada como uma personagem feminina detentora de magia e que usa seus dons para realizar boas ações.

no círculo de leitura (que vai ser tratado no próximo capítulo desta produção) e que também possui grande relevância até nos dias atuais para a literatura infantil e infanto juvenil.

“No dia 2 de abril de 1805, nascia em Odense, município da Dinamarca, Hans Christian Andersen, que mais tarde seria aclamado o maior escritor de contos infantis da literatura universal.” (Oliveira, 2009, p.62). Andersen, como dito por Oliveira, é um escritor dinamarquês originário da cidade de Odense, onde teve uma infância difícil devido à pouca condição financeira.

Filho de um sapateiro, Hans Andersen, que ganhava a vida a consertar sapatos, não fazendo sequer parte da Corporação dos Sapateiros, ele tinha no pai um homem amargurado por não ter podido seguir os estudos para os quais se sentia dotado. A mãe de Andersen, Anne-Marie Andersdatter, sete ou oito anos mais velha que o marido, com quem casara dois meses antes de Hans Christian nascer, já tinha uma filha de outro homem [...] (Riscado, 2005, p.01).

A partir desses dados iniciais, compreende-se que o escritor dinamarquês passou por um longo processo até alcançar sucesso e marcar seu nome na história. Também é interessante falar sobre como a família dele influenciou as narrativas que viriam a ser escritas anos depois daquela fase, visto que o pai de Andersen, frustrado, e uma mãe que já havia tido outro relacionamento antes do matrimônio com o pai dele:

Com o pai terá aprendido a imaginar e talvez esta sua tendência para a imaginação e o inconformismo lhe tenha salvo a infância e o futuro porque, a par dela, terá recebido como carga genética paterna a tendência para a melancolia, a hipersensibilidade e a instabilidade emocional. Em contrapartida, a mãe ter-lhe-á inculcido, lado a lado com uma enorme dose de superstição e uma religiosidade ingênua, a capacidade de sobreviver através das agruras da vida. (Riscado,2005,p.02).

Partindo do que foi dito acima, percebe-se que Andersen carregou muitas das características de seus pais, refletindo-as em algumas de suas produções, que apresentam enredo às vezes melancólicos, aprofundamento em questões sentimentais como pode ser visto no conto “A pequena sereia”, além de elementos ligados à moralidade e à religiosidade que também podem ser encontradas em suas narrativas. Todavia, Andersen percebeu que precisaria tomar alguma atitude para trazer melhorias para sua vida, principalmente após a morte de seu pai. Com isso, o jovem escritor mudou-se para Copenhague, motivado pela esperança de ascender socialmente e se distanciar dos problemas que teve na infância.

Conforme Riscado (2005), foi em 1819 que Andersen, com apenas 14 anos, decidiu ir para Copenhague com o intuito de se tornar célebre, desejo tão intenso que o fez passar fome, se submeter a coisas consideradas “vergonhosas”, tudo com o objetivo de alcançar seu

lugar no Teatro Real, já que na época almejava trabalhar como ator. Baseado no que foi dito, pode-se ver, que mesmo perto das grandes oportunidades de crescimento, o autor de “O patinho feio” demorou a ter seus talentos reconhecidos, mesmo cedo tenha iniciado a sua carreira no mundo das artes cênicas. Porém, o jovem recebeu uma ajuda que contribuiu para a diminuição de suas lutas.

“A vida em Copenhaga mostrou-se difícil e mais não conseguiu do que desempenhar papéis insignificantes em uma ou outra peça, até que conseguiu a proteção de um amigo que o adotou para sempre, Jonas Collin, membro da comissão do Teatro Real.” (Riscado, 2005,p.03). O início da carreira de Andersen em Copenhague não foi muito fácil, mas foi aliviada com a ajuda de seu amigo Jonas Collin. Sobre a entrada de Andersen como um autor célebre no mundo da literatura, cabe dizer que ela teve início com a produção de um romance intitulado *O improvisador*, em 1835. Todavia, o auge do seu sucesso veio por meio de seus marcantes contos de fadas.

Mas serão os Contos para crianças deste mesmo ano que farão comentar ao físico Orsted que se *O Improvisador* o tinha tornado famoso, os contos fê-lo iam imortal, numa notável prefiguração do valor da sua obra contística, e em total desacordo com as agoirentas palavras da crítica, para quem tinham muitos pontos fracos, além de serem deploráveis do ponto de vista moral. (Riscado, 2005,p.04).

A fala de Riscado evidencia o fato de Andersen ter conseguido sucesso no âmbito literário com um romance, mas que o auge de sua glória profissional aconteceu devido ao seu sucesso com os contos de fadas, que marcam gerações até hoje por serem narrativas contadas e adaptadas para novos leitores, por meio da literatura, cinema e outros, assim como serve de base para a criação de novas histórias e estudos científicos. Os contos produzidos pelo autor dinamarquês possuem características que contribuem para tal sucesso. De acordo com Oliveira (2009), Hans Christian Andersen contrariou a ideia defendida de que os contos deveriam seguir o modelo do “era uma vez” ou do “felizes para sempre” e entrou para a história da literatura infantil como um escritor que teve coragem de romper com a estética literária daquela época.

Através do que foi mencionado acima, percebe-se a importância dos contos de Hans Christian Andersen para a literatura, visto que muitas de suas narrativas rompem com a ideia de que os protagonistas conseguem algum tipo de recompensa ou resolução de seus problemas ao final das narrativas, indo contra o modelo de narrativa que vinha sendo produzido antes. Entretanto, o fato de trazer uma nova forma de estruturar contos de fadas não foi o único elemento que chama atenção nas obras de Andersen. Para Silva:

Uma das características dos contos de Andersen é o fato de possuírem elucidações de algumas experiências e sentimentos de sua infância. O patinho feio é um exemplo disso, pois ele vive sua infância numa espécie de exílio, não se sente parecido com sua família e enfrenta vários obstáculos até se reconhecer. Esse conto também retrata a rejeição que Andersen sofreu por sua personalidade efeminada. (Silva, 2017, p.17).

Como visto através de Silva no trabalho *O amor e a transgressão em A pequena sereia*, Andersen colocou de maneira implícita pensamentos e vivências de sua vida pessoal em suas obras, abordando também de forma direta sobre outros aspectos pessoais dele, como por exemplo, o efeito que sua personalidade efeminada implicava na sua relação familiar, semelhante com a narrativa do Patinho feio, que é diferente dos demais irmãos. Os aspectos religiosos e morais presentes nas narrativas também são pontos interessantes para serem tratados. No caso de “A pequena sereia”, a narrativa apresenta o espaço da igreja e a ideia de vida eterna, pós morte, assim como faz refletir sobre como o desvio do caminho “natural” podem impactar a vida de alguém. No mais, “*Os contos de Andersen*, resgatados do folclore nórdico ou inventados, mostram a sociedade as injustiças que estão na base da sociedade, mas, ao mesmo tempo, oferecem o caminho para neutralizá-las: a fé religiosa.”(Coelho, 2003, p.25). Como ressaltado por Coelho, as narrativas produzidas por Andersen apresentam temáticas que estão associadas a problemas sociais presentes na sociedade da época e elementos que apresentam ligações com o cristianismo, de alguma forma. Dessa maneira, pode-se ver que o autor conseguiu absorver questões e pensamentos que estavam presente na sua vida e transmitiu isso nas suas produções literárias.

Coelho (2003) diz que Andersen foi o primeiro autor do Romantismo a contar histórias para crianças e orientá-las a seguir um modelo de comportamento que deveria ser aceito pelo ideal de sociedade que vinha sendo formado naquele período histórico. Dessa forma, pode-se ver que semelhante aos contos dos irmãos Grimm e outros contos de fadas, os escritos de Andersen também possuem um aspecto ideológico a fim de fazer com que as crianças tivessem determinados pensamentos e crenças. Riscado (2005) afirma que até falecer, Hans produziu cerca de 156 obras, nas quais o autor apresenta um estilo único e pessoal de escrita, apresentando aspectos biográficos “mascarados” pela fantasia. Deste modo, pode-se ver o quanto o autor produziu em vida, marcando suas narrativas com seu “toque especial”, uma vez que traz questões de sua vivência nas obras.

Por fim, Frazão (2021) diz que graças a importância de Hans Christian Andersen para a literatura infantil, no dia 2 de abril (data também do seu aniversário) é comemorado o dia internacional do livro infantil juvenil, além que a medalha que leva o nome do escritor é

entregue aos melhores escritores deste gênero. Com isso, fica ainda mais claro como Andersen impactou a literatura, principalmente a literatura infanto juvenil, deixando várias narrativas como legado, sendo um deles o conto “A pequena sereia”, que é a narrativa base para esse trabalho.

2.4 “A pequena sereia”: um conto profundo

Adiante será tratado do conto “A pequena sereia”. Silva (2017) aborda que o conto foi publicado no dia 7 de abril de 1837 e que existem estudiosos que defendem a tese de que o conto foi inspirado em uma desilusão amorosa de Andersen. Dessa maneira, é possível ver que a narrativa, apesar de lançada há muito tempo, ainda continua sendo lembrada na literatura e em diferentes linguagens, assim como a autora aponta uma possível inspiração que veio servir de base para a construção da obra.

No que diz respeito ao conto, a narrativa aborda, a história de uma sereia adolescente (sem nome) que almeja conhecer o mundo humano, principalmente após saber como este era por meio de suas irmãs mais velhas que subiam à superfície ao completarem quinze anos. Quando a sereiazinha salva um jovem príncipe de um naufrágio e apaixonou-se por ele, seu desejo de vir à terra aumenta, levando a criatura buscar ajuda na bruxa do mar, um ser misterioso e maligno que cobra a voz da sereiazinha em troca de torná-la humana. A jovem paga o preço e, ao chegar ao castelo do príncipe, ele não a reconhece do dia do naufrágio, mas trata bem a garota desconhecida que lhe desperta um amor fraternal. No final da história, o príncipe apaixonou-se por outra princesa, continuando a sentir apenas um amor fraternal/ de amigo pela sereia.

Nos últimos momentos de vida, as irmãs da sereiazinha aparecem oferecendo-lhe uma segunda chance: haviam conseguido um punhal mágico com a bruxa do mar em troca de seus cabelos, cabendo a irmã mais nova ter que matar o príncipe com ele e banhar seus pés com o sangue dele. Colocando o amor que sentia pelo rapaz acima de sua vida, a sereia escolhe morrer e virar espuma do mar do que tirar a vida do seu amado. O conto termina com a sereiazinha tornando-se uma espécie de fada, depois se transforma por alguns segundos em espuma do mar, que teria de passar trezentos anos para conseguir perdão divino e uma alma imortal.

Como uma das produções mais conhecidas de Hans Christian Andersen, “A pequena sereia” é uma narrativa que apresenta temáticas profundas, como a ambição de querer mais do que se tem/lhe foi destinado, desilusão amorosa, suicídio, sonhos, entre outros. Ao refletirmos

sobre os personagens da narrativa, é possível perceber que eles passam mensagens para o leitor que contribuem para determinadas perspectivas sobre comportamento, como vai ser melhor explanado em seguida, por meio das personagens femininas da pequena sereia e da bruxa do mar.

Ao refletir por meio de sua personalidade e desejos, pode-se ver que a protagonista do conto é alguém considerada “diferente” e sonhadora, características que poderiam ser vistas como “perigosas” em uma sociedade como a da época de Andersen, onde muitos acreditavam que a mulher nascia para cumprir determinadas funções no meio social. “Ela era uma criança diferente, tranquila e pensativa.” (Andersen, 2020, p.88). Baseando-se na descrição feita da personagem, fica evidente como ela se destaca por fugir dos hábitos comuns. Dessa forma, percebe-se que a personagem da pequena sereia reflete a possível ideia de que as jovens que se desviam dos caminhos considerados “corretos”, em busca de coisas que não fazem parte de sua realidade, estão sujeitas à infelicidade.

A ideia da personagem ser alguém ávida para conhecer a terra também pode estar associada ao fato dela ser jovem, colaborando com o pensamento de que a juventude é uma fase em que o indivíduo passa a ter mais responsabilidade no seu meio social e precisa ter cuidado com seus desejos, principalmente no caso das mulheres. “Ao dizer isso, a avó pôs na cabeça da neta uma coroa de lírios brancos; nas pétalas de cada um, havia metade de uma pérola. Depois, ordenou que oito grandes ostras se prendessem à cauda da princesa, para demonstrar a nobreza da jovem.” (Andersen, 2020, p.81). O trecho de exaltação a sereia quando ela completa quinze anos ressalta a ideia de que este é um momento especial para as garotas, visto que demonstra a sociedade como elas podem ser consideradas maduras e respeitáveis. Um ponto marcante no conto de “A pequena sereia” é o preço que ela paga para ir à superfície. Em troca de pernas, a jovem entrega sua voz para a bruxa do mar, fato este que pode carregar um simbolismo associado ao padrão de comportamento da sociedade em que Andersen viveu.

Assim, além de a jovem sereia sentir, enquanto caminhasse, que estaria pisando em faca afiada, para ficar com o príncipe, ela teria de abrir mão de sua voz. Desse modo, não poderia nunca mais se expressar (cantar/falar) e a condição para poder participar do “mundo dos homens” era permanecer em absoluto silêncio. (Souza, 2022, p.191).

Com base nas ideias da autora, é possível fazer a leitura do acordo entre a pequena sereia e a bruxa do mar através da perspectiva: o silenciamento da mulher é o preço que ela precisa pagar caso queira ter um lugar em meio a sociedade patriarcal, onde as ideias e lugares de fala são “destinados” aos homens. Seguindo esse ponto de vista, cabe à mulher moldar-se

de acordo com os objetivos dos homens, sem ter que expressar seus sentimentos e opiniões. Ao associar esse simbolismo no conto e o patriarcado, Souza (2022) aponta ainda que o silenciamento feminino é responsável pelo sofrimento das mulheres, podendo levá-las à morte, ressaltando os casos de violência doméstica em que as mulheres são violentadas por seus companheiros.

Sendo assim, a ideia do silenciamento da mulher é algo que de fato acontece até hoje em muitas situações, seja no ambiente doméstico, trabalhista, acadêmico. Apesar do conto remeter a essa ação controladora da sociedade de Andersen, ainda é possível ver um silenciamento real das mulheres que muitas vezes precisam lutar para ter um lugar de fala para expor suas ideias, opiniões e pensamentos.

Outro ponto muito importante na narrativa de Andersen, que está ligado ao silenciamento, é o sofrimento que a pequena sereia passa. “Cada passo que ela dava era realmente o que a bruxa tinha dito que seria; a pequena sereia sentia como se estivesse pisando em pontas de agulha ou em facas afiadas, porém ela suportou a dor de boa vontade e caminhou ao lado do príncipe leve como uma bolha,[...]” (Andersen, 2020, p.92). Com isso, é possível fazer a interpretação de que ao desviar dos caminhos que deveria seguir, os jovens, principalmente as mulheres, estão sujeitos mais ao sofrimento do que à realização de seus desejos.

No mais, também pode ser encontrada no conto a ideia de que as ações que uma jovem que não segue o modelo comportamental pode gerar consequências negativas para a imagem da família, interferindo na reputação e prestígio social delas, que são coisas importantes na época de produção do conto e permanece na visão de algumas pessoas. Um exemplo disso na história ocorre quando as irmãs da pequena sereia fazem um sacrifício para tentar ajudá-la, o que é em vão.

Então, se apresse, você ou ele precisa morrer antes do nascer do sol. Nossa velha avó sofre tanto que os cabelos brancos dela estão caindo, enquanto os nossos caíram pela tesoura da bruxa. Mate o príncipe e volte. Rápido! Não vê os primeiros riscos vermelhos no céu? Em poucos minutos o sol vai nascer e você vai morrer. Elas então suspiraram profundamente, muito tristes e afundaram nas ondas. (Andersen, 2020, p.97).

Como descrito no trecho da narrativa, as ações da pequena sereia causaram em sua família sofrimento e sacrifício de algo de valor em prol de sua salvação, ressaltando o pensamento de que os “desvios” feitos pelos jovens, principalmente das garotas, geram em seu meio familiar sequelas negativas na imagem familiar. Por fim, outro elemento presente em

narrativas de Hans Christian Andersen, e que liga os ideais da sociedade com a narrativa é o aspecto religioso, principalmente o envolvimento com a religião como forma de redenção da mulher pelos erros cometidos. No conto, os elementos religiosos aparecem em momentos diferentes, mas o que apresenta a religião como uma forma da pequena sereia ter outra chance para reparar seus erros é no final.

– Depois de nos esforçar durante trezentos anos para fazer todo o bem que estiver ao nosso alcance, nós recebemos uma alma imortal e participamos da alegria da humanidade. Você, pobre pequena sereia, tentou de todo o coração fazer o bem que nós fazemos. Você sofreu e persistiu, e por meio de suas boas ações você se elevou ao mundo espiritual; agora, trabalhando com o mesmo afincado por trezentos anos, poderá conquistar uma alma imortal. (Andersen, 2020, p.98).

Dessa maneira, é possível compreender que a espiritualidade deve ser vista como algo importante, uma vez que o indivíduo, nesse caso a mulher, deve pensar em como suas ações enquanto estiver viva vão impactar sua vida espiritual quando morrer. “É uma história beata, em que a vida eterna fica como recompensa suficiente para aquela que deixou tudo por amor a um homem de outra dimensão, de outro totem.” (Corso e Corso, 2006, p.183). Com base no pensamento dos autores, é possível ver que a religião/espiritualidade poderia servir como um prêmio final para servir de consolo.

Tratando agora da antagonista do conto, esta é retratada com vários elementos pejorativos que contribuem para sua imagem de criatura maligna. O espaço em que a personagem vive, por exemplo, já pode contribuir para a ideia da bruxa do mar ser alguém a ser evitado pelos seres do mar.

Ela agora estava na floresta, onde o solo era pantanoso e cobras enormes, gordas, rolavam na lama exibindo seus corpos asquerosos. No centro disso tudo ficava a casa, construída com os ossos dos humanos naufragados. Lá estava sentada a bruxa, que deixava um sapo comer direto de sua boca, do mesmo jeito como as pessoas, às vezes, oferecem açúcar a um canário, segurando o torrão com os lábios. A bruxa chamava as cobras de galinhas e permitia que subissem em seu colo. (Andersen, 2020, p.89).

Como visto no trecho acima, a casa em que residia a antagonista já possui elementos que devem servir de alerta para os seres que pensavam em buscar algum tipo de ajuda com ela, uma vez que não deveria ser confiável alguém que trata cobras gigantes como animais de estimação e mora em uma casa feita por ossos de seres humanos. Outro ponto que faz com que a bruxa do mar seja vista ainda mais com ressalva é sua aparência. Apesar de não ser mencionada no conto, ela pode ser imaginada de uma forma negativa, uma vez que é uma personagem que carrega o arquétipo de Bruxa, moradora de um lugar asqueroso e tida como

maligna, levando as pessoas a associarem feiura a alguém mal e beleza aos personagens vistos como heróis, por exemplo, assim como foi abordado na discussão sobre o perfil de personagens e suas características.

Ao tratar sobre a personalidade da antagonista, é possível dizer que esta é alguém solitária, uma vez que poucos teriam coragem de se arriscar ao fazer um acordo com ela. Também é possível falar que ela é cruel, já que além de pedir a voz da pequena sereia, também corta sua língua para que o acordo não fosse cumprido. A bruxa do mar também aparenta ser astuta ao pedir a voz da sua vítima como pagamento, pois conseguia perceber que por ser jovem e inexperiente com relações humanas, a pequena sereia não conseguiria fazer o príncipe beijar sem que usasse sua voz.

– Mas se você tirar minha voz, o que restará para mim?
– Sua bela aparência, seu andar gracioso e seus olhos expressivos. Certamente você conseguirá encantar um homem com isso. Ora, o que há? Perdeu a coragem? Ponha a língua para fora, para que eu a corte como pagamento; então você receberá a poção poderosa. (Andersen, 2020, p.90-91)

A partir desse trecho fica mais claro como a sagacidade e crueldade aparece na bruxa do mar, já que ela usa da beleza da jovem sereia para lhe dar mais segurança e aceitar seu trato, ao mesmo tempo que a tortura. A maldade da personagem também afeta as irmãs da pequena sereia, que perdem seus valiosos cabelos em troca de ajuda. Sendo assim, além dos pontos mencionados até aqui sobre a antagonista, ou seja, a representação de um ser maligno que vivem em um lugar perigoso, também é possível dizer que ela é ambiciosa e invejosa, levando em consideração que pediu da pequena sereia seu bem mais valioso que era a sua bela voz e também os cabelos das outras sereias.

De maneira geral, o conto de Andersen se configura como uma narrativa melancólica em que a protagonista, uma sereia jovem e sonhadora, acaba se apaixonando por um ser humano, levando-a a tomar decisões que a trariam dor e sofrimento. “Em última instância, o conto termina sendo um manifesto sobre a impossibilidade de rompimento de determinadas barreiras, sejam culturais, raciais ou familiares.” (Corso e Corso, 2006, p.183). Com base nas ideias dos autores, é possível tirar mais uma interpretação do conto, levando em consideração que ele aborda intrinsecamente a ideia de que as pessoas, principalmente as mulheres, deveriam buscar envolver-se com pessoas semelhantes a sua realidade e não envolver-se com alguém que não partilhava de seus costumes e estilos de vida.

É importante falar que a versão mais conhecida do conto de Andersen é o filme animado *A pequena sereia*, da *Disney*, que adaptou a narrativa original para uma narrativa mais leve

destinada ao público infantil. Todavia, o filme se tornou um clássico da empresa pois conquistou crianças, jovens e adultos, sendo um filme muito querido até os dias atuais.

No que diz respeito aos estudos sobre a personagem bruxa do mar, pode-se dizer que não existem muitos estudos sobre ela, uma vez que os estudos que são feitos sobre vilãs estão associados à análise da categoria do personagem ou dentro da psicanálise. Dessa forma, um letramento literário com foco na antagonista de um conto pode ajudar a exercitar o senso crítico dos alunos e haver mais discussões sobre como a personagem de uma história clássica pode ser vista nos dias atuais. Para Marques (2021), um conto em um letramento literário propicia habilidades leitoras, liga os estudantes a diferentes formas representativas do meio social através das peculiaridades do gênero e proporciona debates que podem gerar leituras críticas, acrescentando qualidade no processo de formação de leitores. Sendo assim, o trabalho com o conto tende a levantar discussões que podem ampliar as visões sobre a antagonista, além do trabalho de leitura realizado.

CAPÍTULO III: O círculo de leitura na prática

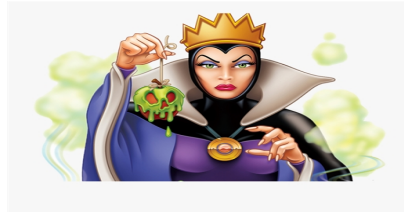
O letramento aqui proposto ocorreu na escola municipal do Ensino Fundamental Deputado João Fernandes de Lima, na cidade de Capim - Paraíba, entre os dias 11/03/2024 a 22/04/2024. As aulas foram realizadas durante o estágio supervisionado IV, disciplina ofertada pela UFPB, campus IV. Esse trabalho com a literatura teve como objetivo de estimular o hábito da leitura em uma turma de 7º ano do ensino fundamental e fazer com que os alunos refletissem sobre a figura da antagonista do conto de Andersen, a fim de que eles exercitem seu senso crítico em relação à composição de uma personagem vilã, que é um elemento da narrativa que também merece atenção do professor na hora do ensino. É importante dizer que o letramento em questão foi baseado nas ideias propostas por Rildo Cosson, no livro *Como criar círculos de leitura na sala de aula*, sendo uma adaptação para o contexto do estágio supervisionado.

3.1 Aplicação do círculo de leitura

O círculo de leitura aplicado conta com as fases de motivação, modelagem, leitura e avaliação, sendo cada momento de aula chamado de encontro, visto que as aulas, de modo geral, eram dedicadas para a leitura da obra. Também é importante mencionar que foram escolhidos quatro cartões de funções para ajudar os alunos, em grupo, com a análise da leitura, sendo eles: os cartões de **Questionador** (no qual um estudante faria perguntas sobre a obra/antagonista), **Sintetizador** (utilizado no resumo do texto), **Illuminador de passagem** (em que um aluno tinha de escolher um determinado trecho do conto que chamou sua atenção) e **Registrador** (que trata de como os integrantes de cada grupo utilizaram os outros cartões).

Inicialmente foi realizada a motivação, para introduzir os alunos no letramento. Nesse momento, foram distribuídas aos alunos, de maneira aleatória, imagens de vilãs e vilões de adaptações de contos de fadas, a fim de fazê-los pensarem se conheciam tais personagens. As antagonistas escolhidas foram A rainha má, do filme *Branca de neve e os sete anões*, Lady Tremaine, a madrasta da cinderela, assim como suas filhas. Também foram escolhidas imagens da Úrsula, do filme *A pequena sereia*, da *Disney*, Malévola, do filme *A bela adormecida*, também da *Disney*, entre outras vilãs e antagonistas de filmes e contos. Após a entrega das imagens, foi dado um tempo aos estudantes para eles lembrarem do nome e das histórias das quais pertenciam os personagens. Em seguida, foi questionado à turma sobre a identidade das (os) vilões e eles disseram que conheciam eles dos filmes da *Disney* e de alguns contos de fada.

Imagem 1



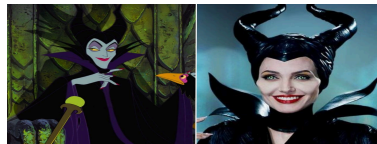
Pinterest²

Imagem 2



Recreio (2023)³

Imagem 3



Recreio (2024)⁴

Imagem 4



² Disponível em: <https://br.pinterest.com>

³ Disponível em:

<https://recreio.com.br/noticias/entretenimento/ur-sua-nao-seria-um-porco-em-pequena-sereia-descubra-qual-era-versao-original.phtml>.

⁴ Disponível em:

<https://recreio.com.br/noticias/entretenimento/5-diferencas-entre-malevola-e-a-bela-adormecida.phtml>.

Rede Globo (2013)⁵

Após isso, foi colocada em prática a fase da modelagem, proposta por Cosson. “A modelagem é a base para o sucesso de um círculo de leitura. Consiste em “encenar” para os alunos e ensaiar com eles todas as etapas de funcionamento de um círculo” (Cosson, 2021, p.65). Dessa forma, o momento inicial do círculo de leitura deve ser para introduzir os estudantes no letramento, apresentando os papéis que estes desempenharam no decorrer dele.

Depois desse momento, foi explicado que seria feito na turma um círculo de leitura sobre o conto “A pequena sereia”, apresentando os objetivos do letramento e como eles deveriam utilizar os cartões de funções nas discussões. Por fim, foi aplicado um questionário para saber da relação dos alunos com a leitura antes do letramento. A partir dos próximos encontros ocorreu a etapa de leitura no letramento. Esse segundo encontro foi iniciado com a distribuição de cópias do conto para os estudantes, além de haver o livro físico chamado *Contos de fadas de Andersen: vol.1*, da editora Principis, para caso algum estudante desejasse ler por ele, seguido da leitura compartilhada do conto.



Martins Fontes (2024)⁶

No começo os estudantes ficaram agitados em meio a leitura e/ou ficaram tímidos para ler, o que fez com que o ministrante do letramento desse início à leitura dos primeiros parágrafos, com o objetivo de instigar os estudantes a se sentirem mais à vontade para ler em público. Depois disso, a turma demonstrou menos timidez e começou a interagir um pouco mais, fazendo leituras de algumas passagens do texto, mesmo possuindo algumas dificuldades

⁵ Disponível em:

<https://redeglobo.globo.com/filmes/noticia/2013/12/cinema-especial-traz-o-classico-da-disney-cinderela-neste-domingo-29.html>.

⁶ Disponível em: <https://www.martinsfontespaulista.com.br>

em relação à fluência da leitura. Sendo assim, a leitura ficou sendo alternada entre o estagiário e alguns estudantes. Nesse momento, os alunos que não queriam interagir ficaram na maior parte prestando atenção nos colegas que liam ou conversando.

Para concluir o encontro, foi dada uma pausa na leitura e pedido aos alunos que usassem os **cartões de funções**. Novamente foi explicado sobre as funções desses cartões e como a turma deveria usar eles com a leitura feita até aquele momento. Devido ao tempo da aula, que chegava ao fim, não houve tempo de haver uma discussão com os cartões de funções. No terceiro encontro houve a continuação do conto, com a leitura sendo feita. Dessa vez houve mais um avanço na leitura da obra e foi perceptível que os estudantes estavam com menos vergonha, uma vez que mais alunos liam o texto em voz alta quando o estagiário direcionava a leitura ou os próprios estudantes se ofereciam para realizar a leitura para a turma. No encontro seguinte foi feita a leitura final do conto.

Nessa parte do letramento, o estagiário ficava alternando a leitura do conto com os estudantes que, por sua vez, demonstraram estar interessados em saber sobre como seria o final da história. Vale dizer que o estagiário, no decorrer da leitura, instigou a curiosidade dos estudantes e a opinião dos mesmos em relação aos acontecimentos lidos na narrativa por meio de perguntas associadas aos acontecimentos do conto. No final da leitura, ocorreu de a maior parte da turma não gostar de como a história acabava, havendo uma quebra de expectativas de um final feliz para a pequena sereia, uma vez que eles imaginavam um desfecho semelhante ao da animação da *Disney*. Depois dessa fase da leitura da história, foi iniciado um momento de maior explanação e reflexão sobre a obra. Também foi indicado para os alunos o filme “Ningyo Hime- A pequena sereia 1975”⁷, para que eles assistissem à animação em casa, como uma atividade de intervalo entre um encontro e outro, sendo uma atividade não obrigatória para ser realizada extra classe.

No encontro seguinte foi, feita uma explanação sobre o contexto de criação da obra, lembrando os fatos importantes da obra por meio de uma linha do tempo feita pelo professor, que questionava aos alunos os acontecimentos relevantes do conto, além de uma explicação sintetizada da vida do autor, sua importância para a literatura, mensagens/temáticas que o conto possuía e dos elementos deste (personagens, espaços, narrador e clímax). Nesse momento, fora as mensagens destacadas pelo estagiário, também foram discutidas sobre quais temáticas os alunos perceberam que haviam na narrativa de

⁷ O filme “Ningyo Hime - A pequena sereia 1975”, foi lançado pela Toei Animation, em 1975. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ERVuZaR8B00>>.

Andersen e também se haviam assistido ao filme em anime, disponibilizado no youtube, o qual poucos alunos assistiram e disseram que gostaram. Alguns dos temas tratados na aula foram amor proibido, crueldade, decepção amorosa e outros. Tanto as discussões feitas nesse encontro quanto na próxima reunião surgiram por meio do diálogo entre o estagiário e a turma, onde o aplicador do letramento perguntava se a turma percebia determinadas mensagens no conto e outras eram sugeridas pelos alunos. Por fim, no último encontro foi dado foco na antagonista Bruxa do mar.

Nesse momento, foram trabalhadas com os estudantes as suas opiniões e reflexões sobre a aparência, personalidade, lições em relação a bruxa do mar, com base na leitura do conto e do filme (para os que assistiram). No que diz respeito à aparência da personagem, que não é retratada na história, os alunos opinaram dizendo que imaginavam ela com aparência humana, já outros disseram que ela tinha uma aparência de sereia, arraia ou de polvo, ao lembrarem da animação da *Disney*. Já ao abordar a personalidade, a turma considerou a personagem grossa, chata, manipuladora, invejosa, alguém que não era amada e interesseira. Ademais, os alunos achavam que a bruxa do mar era malvada, feiosa, solitária e que não era vaidosa. Sendo assim, os alunos demonstraram continuar com a perspectiva de que enxergam a antagonista do conto lido como um ser de características negativas, devido a sua interpretação da personagem. Para concluir o letramento, foi requerido que os estudantes utilizassem as fichas de função com base no conto completo ou apenas no trecho em que a bruxa do mar aparece.

Motivação e Modelagem (uma aula de 40 minutos); Leitura (dividida nos próximos três encontros, cada encontro com duas aulas de 40 minutos); Contexto histórico da obra (uma aula de 40 minutos cada); Análise da personagem Bruxa do Mar (uma aula de 40 minutos).

Organização temporal das etapas do círculo de leitura

Acerca dos cartões de funções, foi possível ver que houve estudantes utilizando os cartões de forma correta, uma vez que compreenderam a função de tais fichas e fizeram respostas coerentes com o que se pedia; já outros responderam os cartões, mas fugindo da função que ele exercia no letramento, havendo confusão no objetivo da ficha. Nos **cartões dos questionadores** devolvidos sobre a primeira leitura feita, a maior parte das perguntas foi de teor simples, com questionamentos referentes às personagens e aos espaços encontrados na história até aquele momento, como “Quem cuidava do castelo para o rei?”, “Quantas filhas

tem o rei?”, entre outras. Também foi possível perceber uma evolução nos tipos de perguntas da primeira e última vez utilizados, como veremos adiante:

- “1- Quem mora no fundo do mar?
- 2- Quem cuidava do castelo para o rei do mar?
- 3- Qual das irmãs iria fazer 15 anos?
- 4- Quem tinha 16 anos?
- 5- As paredes do castelo do rei do mar são feitas de que?”.

Transcrição do cartão do aluno “E” sobre a leitura do primeiro encontro⁸

- “1- Porque a bruxa do mar tinha raiva das sereias?
Porque as sereias era mas bela do que ela
- 2- quantas irmã a pequena sereia tem?
ela tem 6 irmã
- 3- por quem a sereia queria ir pra superfície?
porque ela se apaxono por principe poriso que ela queria i pra superfice.
- 4- como foi o final? triste.
- 5- A pequena virou oque? uma fada”.

Transcrição do cartão do aluno “F” sobre a leitura do conto no último encontro

Como base nas transcrições dos cartões acima, pode-se dizer que os alunos conseguiram fazer perguntas mais aprofundadas/reflexões sobre o conto de Andersen e a antagonista da narrativa, uma vez que no primeiro cartão (aluno “E”) possui muitas perguntas referentes ao espaço do conto e as personagens apresentadas; já no último cartão, o aluno “F” conseguiu pensar sobre a relação da bruxa do mar com os outros personagens e expor sua opinião sobre o conto, como visto na quarta questão, não ficando apenas nos questionamentos mas buscando respostas para esses questionamentos. Algumas perguntas que também chamaram atenção foram “O que fez a pequena sereia se arrepender por ter feito o pacto com a bruxa?” e “Por que a bruxa tinha raiva das sereias?”. Devido ao horário das aulas, não foi possível fazer discussões com base nos cartões.

Nas fichas sobre a **iluminação de passagens**, foram destacados pelos alunos o trecho em que a segunda irmã da pequena sereia contou o que viu ao ir na superfície e a descrição da pequena sereia. Já na segunda vez em que os cartões foram utilizados, houve mais retorno destes, comparado à quantidade da primeira. As passagens que os alunos destacaram no cartão de iluminador de passagem na segunda utilização foram o momento em que a pequena sereia chega na casa da bruxa e faz o pacto com a mesma.

⁸ As transcrições feitas dos cartões são fieis às produções, respeitam a identidade e grafia dos estudantes, por isso apresentam desvios gramaticais.

“A bruxa do mar cortou a língua da pequena sereia tirando a voz da pequena sereia e quando ela transformou a pequena sereia em humana”.

Transcrição do cartão do aluno X sobre a leitura do conto no último encontro

Outra aluna expressou sua opinião no cartão de iluminador, destacando diferentes pontos da narrativa que mais lhe agradaram. A aluna escreveu a seguinte resposta em seu cartão de iluminação de passagem, onde ela expressa sua opinião sobre um dos pontos centrais do conto lido:

“as parte mais que eu gostei foi quando a bruxa do mar pede a língua da pequena sereia e também quando a bruxa pede a voz da pequena sereia e também o príncipe ela nunca mais ver depois isso, voltando para casa, cada vez mais triste e único consolo que ela encontra era sentar-se no jardimzinho e pousar o braço em volto”.

Transcrição do cartão do aluno “Y” sobre a leitura do conto no último encontro

Outro material que vale a pena ser destacado são alguns **cartões de sintetizador**, em que os alunos fizeram uma síntese do conto lido de um modo que conseguiu apontar os pontos centrais da narrativa lida, seja elementos do início até os acontecimentos finais do conto, assim como relatando momentos da bruxa do mar na narrativa. Vejamos:

“A pequena sereia sempre sonhou em ir para a superfície, mais ela não podia, ela falou com a bruxa do mar pra dar pernas, em troca das pernas, a bruxa queria sua linda voz. A bruxa disse que se o príncipe não se apaixonar por ela, ela iria virar espuma. Então, ela foi para a superfície, e infelizmente o príncipe casou com outra pessoa. A pequena sereia virou fada, ea vai passar 300 anos fazendo coisas boas, possa ir pro paraíso.”.

Transcrição do cartão do aluno “W” sobre a leitura do conto no último encontro

“A bruxa queria os cabelos das irmãs da sereia a sereia queria ir pra terra para conhecer seu príncipe. Mas infelizmente não teve coragem de matar o príncipe então ela virou uma fada ela tinha que fazer 300 anos de coisas boas para voltar o normal.”.

Transcrição do cartão da aluna “Z” sobre a leitura do conto no último encontro

A partir dos cartões apresentados pelos alunos “W” e “Z”, cabe dizer que os alunos, à sua maneira, conseguiram realizar um resumo do conto lido relativamente bom, uma vez que apresenta pontos centrais da narrativa lida, isto é, captaram a ideia que a pequena

sereia gostaria de ter um par de pernas, faz um pacto com a bruxa do mar, não consegue cumprir o acordo e acaba tendo um final diferente do esperado. Por fim, também é importante falar do **cartão de registrador**, que também foi utilizado pelos alunos. Usaremos para exemplificar os registros de um mesmo grupo, referente a leitura do primeiro encontro e no último encontro. Seguindo a mesma linha de exemplificação, não serão expostos os nomes dos estudantes nas transcrições abaixo, sendo os estudantes representados por letras:

“P fas algumas perguntas faceis, M falou que gostou que a segunda irmã subio para superficie o resumo de R foi muito bom”.

Transcrição do cartão de registrador do aluno denominado “N” no primeiro encontro.

“L perguntas, M coloca uma parte do texto, N resume o texto.”.

Transcrição do cartão de registrador do aluno denominado “P” no último encontro.

Com base nos cartões analisados acima, é possível ver que um grupo conseguiu utilizar a ficha de função corretamente, uma vez que nas situações utilizadas, houve um rodízio de funções entre os membros do grupo e estes conseguiram utilizar as fichas de leitura como era esperado, apesar do registrador “N” ter feito uma descrição mais detalhada do que o registrador “P”, que não relatou a opinião dos colegas sobre o texto. Segue no anexo fotos de outras fichas de leitura. Uma ressalva a ser feita sobre o uso dos cartões é que eles não foram utilizados no segundo encontro de leitura para que houvesse um foco maior apenas na leitura da obra, visto que os alunos não possuíam muita fluidez na leitura, logo, precisavam de um tempo maior para realizar a leitura. Após isso, é preciso falar da última etapa do letramento, que é a avaliação do círculo e seus resultados.

Para Cosson (2021), durante a avaliação do círculo de leitura, os alunos e professores demonstram os resultados do letramento e, assim, há consolidação do que foi trabalhado, seja através de observações feitas pelos professores ou de autoavaliações realizadas pelos alunos. Dessa forma, cabe ao professor que realiza essa prática pedagógica escolher a melhor forma de avaliação de seu trabalho em sala de aula (questionários, observações feitas no decorrer dos encontros, entre outros) para que este veja se o letramento oferecido foi capaz de trazer mudanças para sua turma ou não, assim como saber possíveis fatores que não favorecem bons resultados.

Sobre a etapa da avaliação feita no círculo de leitura, esta ocorreu por meio da implantação de um questionário. Uma observação a ser feita é sobre o perfil da turma. De

modo geral, os alunos demonstraram não ler o conto em casa e ficarem agitados durante as organizações do círculo e leitura, sendo preciso fazer algumas pausas para atrair a atenção deles para a leitura. Todavia, parte da turma pareceu gostar dos momentos de leitura, visto que no decorrer dos encontros pediram para ler em voz alta, faziam suposições durante as pausas da leitura, enquanto outra parte da turma não demonstrava interesse em ler, mas ficava ouvindo os colegas lerem. Apesar do incentivo, esses alunos demonstraram não querer por timidez.

Também é importante falar que dentre os alunos, alguns tinham certa dificuldade para ler e que havia um aluno PCD (pessoa com deficiência), o que fez com que o discente aplicador do letramento levasse como atividade adaptada para o aluno fazer parte do letramento ilustrações para ele colorir. Esse tipo de atividade foi escolhida após uma conversa com o professor da turma e a cuidadora do aluno, que acompanha ele nas aulas e na realização de tarefas escolares.

3.2 Resultados

Os resultados do círculo de leitura apresentado anteriormente estão baseados em informações prestadas pelos próprios alunos em dois questionários efetuados no primeiro e último encontro do letramento, com o objetivo de saber como ficou a relação dos alunos com a vontade de ler e o senso crítico sobre a imagem da bruxa do mar, após passarem pelo letramento. No questionário aplicado no primeiro encontro com a turma, 29 alunos da faixa etária de 11 a 16 anos responderam às seguintes perguntas, entre elas, sobre sua relação com a leitura (com algumas questões fechadas, objetivas):

1. Qual sua idade?;
2. Sexo: Masculino ou Feminino? ;
3. Você gosta de ler? sim, não ou um pouco?;
4. As suas leituras são feitas na escola, em casa ou nos dois lugares?;
5. O que você mais lê? livros, internet, quadrinhos, revistas ou outros? que outros?;
6. Preferências de leitura: fantasia, humor, romance, terror ou outros? quais?;
7. Quantos livros você já leu esse ano: nenhum, de 1 a 3 ou mais de 3?;
8. Que tipo de história você gostaria de ler na escola?;

Para a formação do gráfico abaixo, que apresenta a relação dos alunos com a leitura antes do círculo, foram utilizadas as respostas ao tópico 3 do questionário acima.

Relação com a leitura antes do círculo de leitura

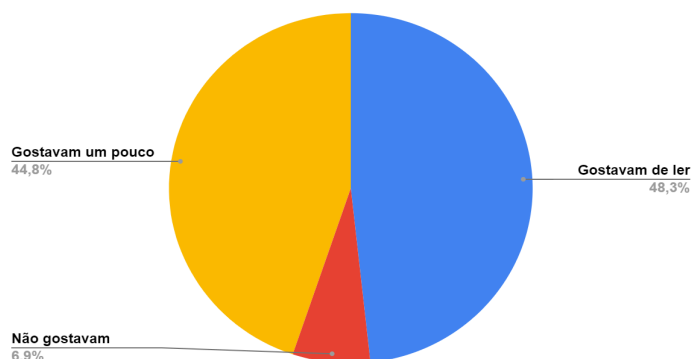


Gráfico 1: Dados da pesquisa

Através da análise dos dados obtidos, é possível dizer que 48,3% (14 alunos) da turma demonstraram gostar de ler, ocorrendo de 44,8% (13 alunos) dizerem que gostavam pouco e 6,9% (2 estudantes) responderem que não gostavam de ler.

O segundo questionário teve como objetivo mostrar a relação dos alunos com a leitura e o senso crítico dos alunos sobre a personagem bruxa do mar depois de passarem pelo letramento aplicado. Nesse questionário, foram coletadas as informações de 26 alunos da turma, que responderam às seguintes perguntas:

1. Qual sua idade?;
2. Sexo: Masculino ou Feminino ?;
3. Você gostou de ler o conto original da “A pequena sereia” , de Hans Christian Andersen? Sim, Não ou Um pouco ?;
4. Conhecia essa versão da história ? Sim ou não?;
5. Gostou de estudar sobre a bruxa do mar, mesmo ela sendo uma vilã? Sim, Não ou Mais ou menos;
6. Qual sua opinião sobre a personagem “Bruxa do mar”? Justifique;
7. Após passar pelo círculo de leitura, você sentiu vontade de ler mais no seu tempo livre ? Sim, Não ou Mais ou menos;
8. Que tipos de leitura você ficou interessado em fazer ? Contos de fadas originais, Histórias de humor, Histórias de terror, Histórias de aventuras, Outras ou Nenhuma?.

Relação com a leitura após o círculo de leitura



Gráfico 2: Dados da pesquisa

O gráfico 2 apresenta os dados sobre a relação dos alunos com a leitura depois do letramento pautado nas informações coletadas do tópico 7 do segundo questionário. Nesse caso, 42,3% (11) dos estudantes se sentiram mais incentivados a ler no seu tempo livre, 42,3% (11) se sentiram mais ou menos incentivados e 15,4% (4 alunos) não se sentiram motivados a ler fora da escola.

Assim, pode-se dizer que, no geral, a turma ficou dividida em estar motivada para ler e com um pequeno incentivo para isso. Ao comparar os dois gráficos é possível afirmar que grande parte dos alunos não ficaram motivados para ler fora da escola, como o esperado, uma vez que 14 alunos apreciavam a leitura no seu tempo livre e agora 11 estudantes não têm convicção do interesse para realizar essa atividade, isto é, ficaram mais ou menos interessados. Entretanto, ao término do letramento, fica evidente que muitos alunos pensam em buscar a leitura por prazer (11 deles), o que é um ponto positivo, uma vez que o círculo de leitura aplicado causou mudanças significativas nos estudantes que participaram do círculo.

Sendo assim, cabe dizer, de modo específico, que o primeiro objetivo do letramento (apresentar um projeto de leitura literária na escola) foi parcialmente atendido, tendo em vista que incentivou alunos a ler mas não o suficiente para aumentar a quantidade de estudantes que tinham pouco ou nenhum interesse em praticar leituras fora do ambiente escolar. No que diz respeito ao estímulo do senso crítico da turma referente a antagonista do conto trabalhado, vale dizer que 9 alunos gostaram de estudar sobre a vilã do conto, 14 gostaram mais ou menos e 3 não gostaram.

Dessa maneira, pode-se dizer que o segundo objetivo também foi parcialmente alcançado, ao levar em consideração que a maior parte dos estudantes ficou perto de ter maior interesse em estudar sobre a antagonista do conto de Andersen.

3.3 Reflexões sobre a Bruxa do Mar

Vejamos alguns questionários com opiniões interessantes dos alunos sobre a bruxa do mar:

Qual sua idade? 23 Sexo: Masculino Feminino ()

1. Você gostou de ler o conto original da "A pequena sereia", de Hans Christian Andersen? Sim Não () Um pouco ()
2. Conhecia essa versão da história? Sim Não ()
3. Gostou de estudar sobre a bruxa do mar, mesmo ela sendo uma vilã? Sim Não () Mais ou menos ()
4. Qual sua opinião sobre a personagem "Bruxa do mar"? Justifique.
a intenção foi legal mas a personagem não
foi muito
5. Após passar pelo círculo de leitura, você sentiu vontade de ler mais no seu tempo livre? Sim Não () Mais ou menos ()
6. Que tipos de leitura você ficou interessado em fazer? Contos de fadas originais ()
Histórias de humor () Histórias de terror Histórias de aventuras ()
Outras: _____ Nenhuma ()

Opinião do aluno A sobre a bruxa do mar

Estágio Supervisionado IV - Mapeamento literário

Qual sua idade? 12 Sexo: Masculino Feminino ()

1. Você gostou de ler o conto original da "A pequena sereia", de Hans Christian Andersen? Sim Não () Um pouco ()
2. Conhecia essa versão da história? Sim () Não
3. Gostou de estudar sobre a bruxa do mar, mesmo ela sendo uma vilã? Sim Não () Mais ou menos ()
4. Qual sua opinião sobre a personagem "Bruxa do mar"? Justifique.
eu gostei da bruxa do mar porque sou fã dela e
é muito mais malvada do que no filme da Disney
5. Após passar pelo círculo de leitura, você sentiu vontade de ler mais no seu tempo livre? Sim Não () Mais ou menos ()
6. Que tipos de leitura você ficou interessado em fazer? Contos de fadas originais
Histórias de humor () Histórias de terror Histórias de aventuras ()
Outras: _____ Nenhuma ()

Opinião do aluno B sobre a bruxa do mar

Estágio Supervisionado IV - Mapeamento literário

Qual sua idade? 12 Sexo: Masculino () Feminino

1. Você gostou de ler o conto original da "A pequena sereia", de Hans Christian Andersen? Sim Não () Um pouco ()
2. Conhecia essa versão da história? Sim () Não
3. Gostou de estudar sobre a bruxa do mar, mesmo ela sendo uma vilã? Sim () Não () Mais ou menos
4. Qual sua opinião sobre a personagem "Bruxa do mar"? Justifique.
Achei ela muito chata e insegura.
5. Após passar pelo círculo de leitura, você sentiu vontade de ler mais no seu tempo livre? Sim Não () Mais ou menos ()
6. Que tipos de leitura você ficou interessado em fazer? Contos de fadas originais ()
Histórias de humor () Histórias de terror () Histórias de aventuras ()
Outras: Contos de fadas e poemas Nenhuma ()

Opinião do aluno C sobre a bruxa do mar

Estágio Supervisionado IV - Mapeamento literário

Qual sua idade? 12 Sexo: Masculino Feminino ()

1. Você gostou de ler o conto original da "A pequena sereia", de Hans Christian Andersen? Sim () Não () Um pouco
2. Conhecia essa versão da história? Sim () Não
3. Gostou de estudar sobre a bruxa do mar, mesmo ela sendo uma vilã? Sim () Não Mais ou menos ()
4. Qual sua opinião sobre a personagem "Bruxa do mar"? Justifique.
ela é muito mal, quer isso
mas não gostei dela
5. Após passar pelo círculo de leitura, você sentiu vontade de ler mais no seu tempo livre? Sim Não () Mais ou menos ()
6. Que tipos de leitura você ficou interessado em fazer? Contos de fadas originais ()
Histórias de humor () Histórias de terror () Histórias de aventuras ()

Opinião do aluno D sobre a bruxa do mar

Nos questionários dos alunos A e B, foram encontrados comentários que demonstravam o gosto dos alunos pela bruxa do mar, ao dizerem que a personagem teve boas intenções em dar pernas a pequena sereia, apesar da forma com que ela fez isso não ser algo bom. A fala do aluno B também evidencia o apreço do estudante pela vilã ao achar ela com um nível de maldade maior do que a versão apresentada pela Disney, o que pode ser interpretado como a personagem do conto de Andersen é mais interessante do que a da animação. No caso do questionário do estudante C, podemos ver que o estudante não compactua com a mesma ideia do aluno B, uma vez que considera a antagonista estudada sem pontos interessantes para ela, além de ser alguém “insegura”. Por fim, a opinião do aluno D, que não gostou de estudar sobre a bruxa do mar, é semelhante com a de outros alunos que marcaram outras opções, ao levar em consideração que muitos falavam que a personagem era má, feia e/ou invejosa. Assim sendo, é possível ver que houveram estudantes que conseguiram expandir seu conhecimento e visão sobre a bruxa do mar, não ficando apenas, de modo geral, na visão de que ela é uma personagem cruel e malvada.

No mais, vale dizer que o círculo de leitura pode não ter alcançado o nível de excelência desejado devido ao pouco tempo de encontros, que tiveram de ser diminuídos por questões médicas da parte do discente estagiário, atividades escolares do professor da turma para com ela, o esquecimento dos alunos em levar as cópias do texto distribuídas e/ou a falta de interesse de alguns na hora em que a leitura estava sendo feitas. Por fim, também é importante relatar que a turma tinha potencial para ficar mais interessada nos encontros, caso houvesse tempo para fazer uma segunda leitura do conto e outros aprofundamentos, já que no decorrer das aulas os estudantes foram perdendo a timidez e participando mais das aulas de maneira satisfatória.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao finalizar esse trabalho pode-se dizer que o letramento literário, seja ele praticado por meio de sequências didáticas ou círculo de leitura, é um instrumento excelente para

incentivar e promover a leitura literária, sendo uma maneira de trabalhar a literatura pautada nela mesma e não com outras finalidades, como é comum acontecer nas escolas. O trabalho com essa metodologia de ensino é importante também porque pode causar impactos positivos que vão ser carregadas pelos estudantes dentro e fora do ambiente escolar, unindo a literatura e as suas vivências, como visto na primeira parte desta monografia. Nesse primeiro ponto, foi possível ver como a literatura ao ser trabalhada com as finalidades corretas podem tornar a leitura literária uma ação proveitosa, contribuindo, por exemplo, para a formação leitora, expansão de conhecimento dos estudantes, reflexões sobre a ligação da literatura e meio social.

Também foi possível ver como o gênero conto de fadas é um objeto de estudos interessante e rico em análises, tendo em vista que a partir dos estudos sobre eles podem ser feitos estudos históricos, sociais e literários baseados neles. Dentro deste capítulo ainda foi possível ver conceitos que definem o conto de fadas como tal, uma breve perspectiva histórica de como podem ter se originados esses contos, escritores importantes que enriqueceram essas narrativas e como as ideologias da sociedade interferem na significação das personagens consideradas mocinhas/heroínas e vilãs.

Ainda nesse capítulo, foi possível ver como o autor Hans Christian Andersen passou de um jovem pobre, que trabalhava como sapateiro, se tornou uma das grandes referências para a literatura mundial, principalmente para do gênero infantojuvenil, de modo que também foi explanado sobre o conto “A pequena sereia”. Na pequena análise feita sobre a narrativa, foi perceptível como o conto possui interpretações profundas e interessantes, fazendo com que ela não se prenda apenas a uma narrativa para jovens/crianças.

Além disso, trabalhar com o conto “A pequena sereia”, dando ênfase à antagonista da narrativa, foi uma experiência nova e interessante, uma vez que evidenciou como o estudo prático sobre uma vilã pode contribuir para os jovens leitores analisarem os personagens, principalmente os antagonistas, de uma maneira mais reflexiva e aprofundada, levando em consideração que o mais comum é apenas a protagonista receber um foco em leituras literárias/analíticas. O segundo capítulo também foi relevante para esta produção pelo fato de preparar o aplicador do letramento com conhecimento teórico para ajudar com o gênero trabalhado, o conto e as análises feitas sobre a história durante o círculo de leitura.

No mais, cabe dizer que apesar do círculo de leitura não ter obtido um resultado muito impactante, referente ao estímulo de leitura e reflexão, ainda sim fez diferença na vida dos alunos, uma vez que foi aplicado um letramento de literatura fora das aulas, assim como houve alunos incentivados a ler mais por meio da leitura literária com foco na literatura,

exercitado o senso crítico dos estudantes, de modo que também foi apresentado o conto original da “A pequena sereia,” narrativa esta desconhecida pelos estudantes, que conheciam a narrativa por meio do conhecimento popular ou de adaptação cinematográfica.

Por fim, também é importante dizer que o trabalho com a literatura na escola em questão gerou uma experiência significativa para o discente que aplicou o letramento devido à contribuição para o ensino da escola onde estudou parte do ensino fundamental, promovendo e possibilitando aos estudantes terem contato com um ensino literário mais aprofundado, assim como contribuir para a formação profissional do estagiário, uma vez que proporcionou uma experiência que revelou na prática os problemas e aspectos positivos de trabalhar com a literatura no espaço da sala de aula na educação básica, levando o professor pensar em como pode melhorar na sua vida profissional e, assim, ser um educador mais preparado.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hans Christian. **Contos de Fadas de Andersen Vol. I**. São Paulo: Principis, 2020.

ARAÚJO, Francerly Moreira Barreiro de. **Literatura no ensino fundamental: proposta de letramento literário para o 9º ano**. Dissertação (Mestrado em linguagens e letramentos - PROFLETRAS) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015.

BARBOSA, Begma Tavares. Letramento literário: sobre a formação escolar do leitor jovem. **Revista Educação em foco**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 145-167, 2011.

BASTOS, Rodolpho Alexandre Santos Melo; NOGUEIRA, Joanna Ribeiro. Estereótipos de gênero em contos de fada: uma abordagem histórico-pedagógica. **Dimensões**, n. 36, p. 12-30, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CAMARGO, Flávio pereira; MOREIRA, Miüane; FONSECA, Vilma Nunes da Silva. **Olhares críticos sobre literatura e ensino**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CANEZIN, Claudete Carvalho. A mulher e o casamento: da submissão à emancipação. **Revista Jurídica Cesumar-Mestrado**, Paraná, v.4, n.1, p.143-156, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: Difusão Cultural de Livros (DCL), 2003.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã : psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre : Artmed, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.

COTTA, Maria. Amélia Castro. Das pesquisas acadêmicas sobre os contos de fadas ao universo poético e literário dos irmãos Grimm. **Revista Nuances: Estudos sobre Educação**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 172–191, 2017.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FILHO, Paulo César Ribeiro. Marie-Catherine D' Aulnoy: A precursora de um genero literário. **Revista Água Viva, [S. l.]**, v. 6, n. 2, 2021.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7.ed. São Paulo: Ática. 2003.

JOLLES, André. **Formas Simples**. ed. São Paulo: Cultrix, 1976.

KHÉDE, Sonia Salomão. **Personagens da Literatura Infanto-Juvenil**. São Paulo: Ática, 1986.

LEÃO, Cleonice de Moraes Evangelista & SOUZA, Dalma Flávia Barros Guimarães de. Letramento literário em círculos de leitura na escola. **Revista Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 21, p.427-441, jul.-dez. 2015.

LIMA, Aline Giseli da Silva. **Uma proposta de círculo de leitura no ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado profissional em letras - PROFLETRAS) –Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape-PB, 2016.

MARQUES, Moama (org.). **A Mediação do texto literário na escola: reflexões e propostas**. João Pessoa: Editora UFPB, 2021.

MENDES, Mariza B. T. **Em busca dos contos perdidos: O significado das funções femininas nos contos de Perrault**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NASCIMENTO, Jania Maria do; SILVA, Rosana Rodrigues da. Os círculos de leitura e a construção de sentidos da obra literária. **Revista de Educação do Vale do Arinos-RELVA**, v. 10, n. 2, p. 104-118, 2023.

OLIVEIRA, Lívia Henrique de. **O maravilhoso nos lais de maria de frança: a figura da fada-amante na personagem feminina dama de avalon**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa) – Mamanguape-PB, 2022.

OLIVEIRA, Vera Beatriz Medeiros Bertol de. **A representação da criança nos contos de Hans Christian Andersen: o desvelar de um paradigma**. Dissertação (Mestrado em Letras, na área de Estudos Literários.) – Universidade Estadual de Maringá, 2009.

OTONI, Maria Guimarães Gomes et al. **Formação de círculo de leitura e clube de leitura para o letramento literário na escola**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 17, núm. 1, pp. 47-62, 2004.

PAULINO, Graça. Letramento literário: por vielas e alamedas. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, n. 5, 117-125, 2001.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Copymarket, 2001.

RESENDE, Vânia Maria. **Leitura: mediação entre a vida e a arte**. Florianópolis: UFSC, 1985.

RISCADO, Leonor. Hans Christian Andersen–da Dinamarca para o Mundo. O bloco de **Nautas-XVI Encontro de literatura para crianças**, p. 97-107, 2005.

RODRIGUES, Hermano de França (org.). **Teorias em debate, sujeitos em ascensão: experiências de letramento literário**. João Pessoa: UFPB, 2020.

SANTOS, Jeane de Cássia Nascimento Santos; CARVALHO, José Ricardo de; REIS, Mariléia Silva dos. **Ensino de língua e literatura: gênero textual e letramento**. ed. Profletras. Aracaju: Criação Editora, 2017.

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em revista**, v. 15, n. 2, p. 132-148, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOUSA, Michelle Costa de. **As bruxas nos contos infantis: a construção de uma alegoria maléfica do feminino**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em comunicação social com habilitação em jornalismo) – Universidade Federal do Maranhão, 2022.

SOUZA, Bruna Cardoso Brasil de. **Charles Perrault e os contos da Mamã Gansa**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2015.

SOUZA, Cinthia Freitas De. O silenciamento das mulheres em "A pequena sereia", de Hans Christian Andersen, e "Uma voz entre os arbustos", de Marina Colasanti. **Revista Tabuleiro de Letras**, v. 16, n. 1, p. 181-196, 2022.

SILVA, Amanda Carolina da. **O amor e a transgressão em A pequena sereia**. Monografia (Curso de Letras) – UNISC, 2017.

WELLEK, René. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo : Martins Fontes, 2003.

APÊNDICE



Momento do Círculo de leitura em que o aluno PCD se encontrava na turma ao lado de sua cuidadora



Momento de leitura em que a aluna quis ler para toda a turma



Momento 2 de leitura



Uma das imagens utilizadas na motivação

ANEXO



Desenho pintado pelo aluno PCD da turma

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Estágio Supervisionado IV
Mapeamento literário

Qual sua idade? 12 Sexo: Masculino () Feminino ()

1. Você gosta de ler? Sim () Não () Um pouco ()

2. As suas leituras são feitas: Na escola () Em casa () Nos dois lugares ()

3. O que você mais lê? Livros () Internet () Quadrinhos () Revistas ()
Outros: Bíblia

4. Preferência de leitura: Fantasia () Humor () Romance () Terror ()
Outros: a história de Jesus Cristo

5. Quantos livros você já leu esse ano? Nenhum () 1 a 3 () Mais de 3 ()

6. Que tipo de histórias você gostaria de ler na escola?
a história de Davi, Jesus e do Espírito Santo

Questionário 1

Questionador:

Sua função é fazer perguntas sobre o texto para seus colegas. Formule no mínimo cinco perguntas para serem respondidas pelo grupo. Uma observação importante é que não podem haver perguntas em que a resposta são apenas "sim" ou "não".

1. Fez a Pequena Sereia se arrepender por ter feito o pacto com a bruxa como foi o caminho da conversa da bruxa

2. Como era a dor que a Pequena Sereia sentia

3. Que os sonhos da Pequena Sereia fez para a Pequena Sereia sobre viver

4. O que aconteceu no final da estória

Estudante Paulo Guilherme Turma: 1º C Data: 22/04/24

Ficha de um "Questionador"